



Imagem 25: As duas igrejas do Arraial do Belo Monte.
Fonte: Ontoniel Fernandes Neto, 1997.



Imagem 26: As duas igrejas do Arraial do Belo Monte.
Fonte: Guerra de Canudos, 1997, de Sérgio Rezende.

2.3 IGREJA DE SANTO ANTÔNIO, A VELHA

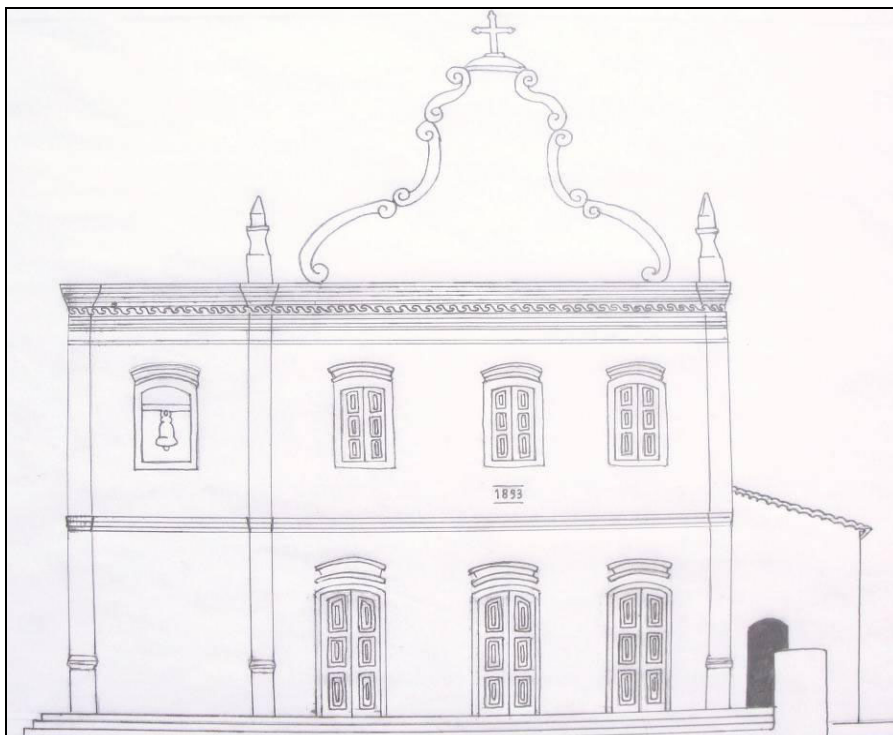


Imagem 27: Reconstituição da Igreja de Santo Antônio do Belo Monte a partir da obra de Flávio de Barros.

Fonte: Everton Silva, 2011.



Imagem 28: Vista lateral da Igreja de Santo Antônio do Belo Monte. Flávio de Barros.

Fonte: Museu da República, 1897.



Imagem 29: Fachadas da Igreja de Santo Antônio do Belo Monte.
Fonte: Arquivo Histórico do Museu da República – RJ, 1897.

Segundo Fontes (2006), o frei Evangelista do Monte Marciano e o padre Vicente Sabino, testemunharam o trabalho dos conselheiristas na construção do templo do Bom Jesus, na praça das igrejas. Sendo assim, Canudos possuía, em 1896, quando foi deflagrada a guerra, um pequeno santuário e as Igrejas de Santo Antônio e do Bom Jesus, esta última, não concluída. (Imagens: 27 e 28).

Referindo-se ao santuário, Calasans (1997, p.141), diz que embora os pesquisadores não façam referência a uma terceira capela, ela de fato existia e fora levantada antes da chegada dos seguidores de Antônio Vicente. Ainda de acordo o autor, essa construção era muito pequena e por isso mesmo o Conselheiro, quando por ali apareceu, comprometeu-se com alguns habitantes a erguer uma casa de orações bem maior cumprindo a promessa posteriormente.

Todavia, a capela primitiva não foi destruída e ganhou a denominação de Santuário, com seu antigo altar e um grande número de imagens católicas. Ao lado do Santuário havia um pequeno quarto onde ficou morando o santo profeta. Foi ai também, onde ele morreu e

foi enterrado pelos fiéis, envolvido numa esteira de palha da costa, com seu camisolão azul, seu crucifixo, e suas alpercatas de couro.

A primeira obra arquitetônica de porte, no arraial do Belo Monte, foi a Igreja de Santo Antônio. Edificaram-na para substituir a antiga capelinha já em ruínas que fora feita por gente da Torre de Garcia D'Ávila, (Imagem 29).

Na fala de Calasans (1997, p.70), a história desse templo é, deveras, conhecida. Segundo suas informações, quando o penitente por ali passou, assegurou ao negociante de couro, Antônio da Mota, de quem foi hóspede, que voltaria para levantar uma capela, pois a existente era minúscula. Sua promessa foi cumprida; e com o fim da construção veio o beato a se fixar, em 1893, nesse torrão sertanejo, às margens do Rio Vaza-Barris.

Pelo que se pode apurar, sua construção deve ter se iniciado pelos ocasos da década de 1880 e sua inauguração é datada pelos especialistas como sendo do ano de 1893, havendo, porém, controvérsias quanto a data de sua conclusão⁴.

Segundo uma carta existente nos arquivos do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (imagem 29), datada de 10 de março de 1893, Antônio Conselheiro orientava o beato Paulo José da Rosa sobre como proceder em seus trabalhos, no concernente à construção da Igreja Velha⁵. (Imagem: 30).

É sabido que Conselheiro só chegou com sua comitiva, fixando moradia em Canudos, nos primeiros dias de junho. A pequena igreja que estava sob a responsabilidade de José Beatinho, encontrava-se terminada, porém não sagrada, fato que só se efetivaria no mês de agosto.

Calasans (1997, p.70) admite que a benção do templo, tenha, provavelmente, se dado pelo Vigário do Cumbe, padre Vicente Sabino dos Santos, e que a festa de sagração foi um grande acontecimento, com muitos batizados, casamentos e pronunciamento por parte de Antônio Conselheiro.

⁴ Pinheiro (2007), assevera que através da análise minuciosa da fotografia de Flávio de Barros, e devido a ampliação da referida fotografia, pode-se constatar através da inscrição que localizava-se na fachada, que o ano ali registrado, tratava-se de 1896. Sendo este o ano, resulta que a Igreja de Santo Antônio não estava pronta em 1893, como afirmam diversos estudiosos.

⁵ A missiva endereçada ao beato Paulo José informava que, de nenhuma forma permitisse a transferência das imagens, visto que a igreja ainda não estava benta.

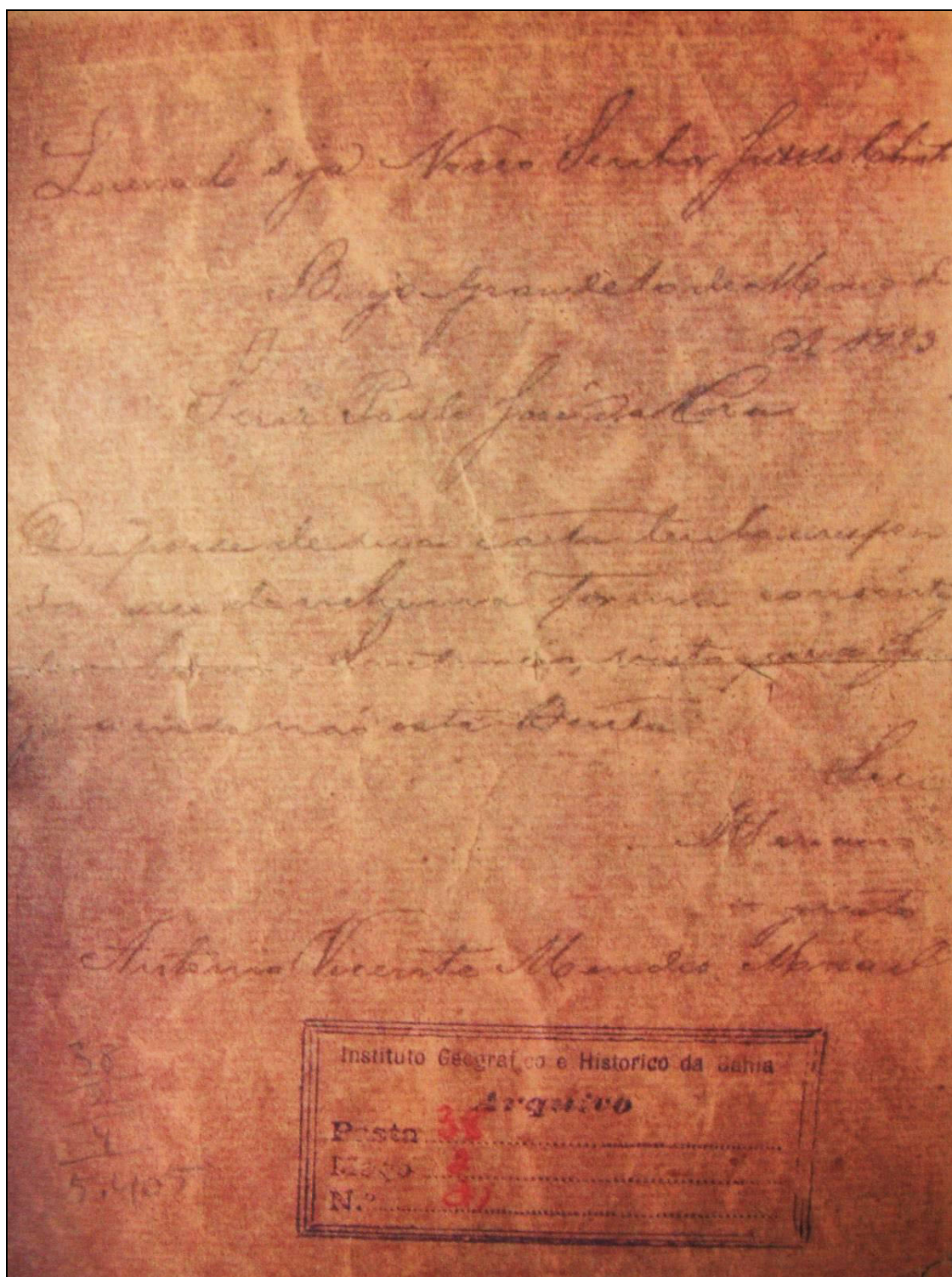


Imagem 30: Carta a Paulo José da Hora. Brejo Grande, 10 de maio de 1893.

Autoria: Antônio Vicente Mendes Maciel.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico da Bahia.

Quanto ao seu construtor, não se tem nenhuma dúvida. O próprio Bom Jesus Conselheiro confessou sobre a construção de tão bela obra, sendo inclusive registrada em seu livro de sermões o qual chegou aos nossos dias. No volume cujo título é *Tempestades que se Levantam no Coração de Maria por ocasião do Mistério da Anunciação*, mais especificamente na terceira parte, lê-se o seguinte:

Sobre o recebimento da chave da Igreja de Santo Antônio, Padroeiro de Belo Monte.

Seria sem dúvida uma consideração mui mal entendida, se eu me conservasse em silêncio com relação ao assunto que a faz objeto de tanto júbilo no dia de hoje, como indigno encarregado da construção da igreja de Santo Antônio, padroeiro deste lugar, cuja obra se acha feita em virtude do poderoso auxílio do Bom Jesus, se no ato de receber a chave da igreja do seu servo eu deixasse de publicar as maravilhas de tão belíssima pessoa. [...] Foi o Bom Jesus (nutro a mais íntima satisfação de declarar-vos) que tocou e moveu os corações dos fiéis para me prestarem as suas esmolas e os seus braços a fim de levar a efeito a obra de seu servo. [...] Impossível seria, eu fazer a Igreja de Santo Antônio se o Bom Jesus deixasse de prestar-me o seu poderoso auxílio. Aqueles, porém, que concorreram com as suas esmolas e com os seus braços, podem estar certos que o Bom Jesus os recompensará generosamente; eles devem ficar plenamente satisfeitos por terem concorrido para a construção da igreja do servo do Senhor, na doce esperança de um dia serem participantes da sua glória, à vista do seu testemunho que demonstra o zelo religioso que tanto os caracteriza. O dia de hoje, fiéis, nos vem comemorar tão belo acontecimento para nossa religião santa, quando se trata de realização de um templo tão útil, tão aceitável e agradável a Deus. [...] Vejam, fiéis, se não é de grande utilidade e agradável aos divinos olhos do nosso Bom Deus a construção dos templos. À vista destas verdades quem deixará de concorrer para a construção dos templos? Quem ainda se nutrirá da tibieza e indiferentismo para fim tão útil e importante, que se bem considerasse a criatura os merecimentos que em vida mesmo alcança de Deus, certamente não deixaria de concorrer com suas esmolas e com os seus braços para a construção de tão belas obras. Cabe-me ainda o prazer de declarar-vos que já rendi as devidas graças ao Bom Jesus por me ter prestado o seu poderoso auxílio a fim de eu levar a efeito a obra do seu servo, que a não ser tão belíssima pessoa, certamente não conseguiria realizá-la. Praza aos céus que os habitantes de Belo Monte saibam agradecer cordialmente os benefícios que acabam de receber do Bom Jesus, que é uma prova que atesta do modo mais significativo os tesouros da sua infinita bondade e misericórdia. (Maciel apud NOGUEIRA, 1974, p.170-173)

Um correspondente do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, Manuel Benício (1997), enviado a Canudos por ocasião da Guerra, a descreve de maneira simpática quando diz que “a igreja velha, a seu modo elegantezinha e de bom aspecto, contrasta sua deslumbrante alvura com o avermelhado das habitações”.

As construções religiosas do Belo Monte, embora não existam mais, ficaram registradas no imaginário popular através do contar e recontar de suas memórias pelos seus descendentes. A poesia de Sara (1963, p.8) informa sobre vários aspectos da cultura canudense. Fala, das obras erigidas em Canudos pelo peregrino, dentre elas a Igreja de Santo Antônio, a Igreja Velha.

Passando por Canudos
Um arraial no oiteiro
À margem do vasabarris
Voltou ao padroeiro
Pediram uma construção
Para o santo de devoção
Do nome do Conselheiro

Canudos tinha uma capela
Porém não tinha bom trato
O que é certo que a gente
Lhe fez um grande aparato
Lá só havia desordeiro
Aqui junto ao Conselheiro
Apresento seu retrato

Prometeu fazer a igreja
De santo Antônio padroeiro
Por ser santo festejado
E do nome do conselheiro
Foi construir em Bom Conselho
Logo houve um desmantelo
E sua volta foi ligeiro

A edificação religiosa dedicada a Antônio tornou-se, todavia, a mais evoluída da nação conselheirista; suplantando até mesmo as de outras regiões.

No meio das construções simples e terrosas de Canudos ela se destacava luminosa, tendo a sua frente o elegante cruzeiro; e a contemplar o grandioso e monumental templo do Bom Jesus. Conforme o depoimento de alguns correspondentes de jornais, já a encontraram, em julho de 1897, nos momentos finais da guerra, castigada pelo bombardeio intenso.

O fundo ruíra totalmente, a parte lateral direita estava desabando... a cruz voara como um tiro e o capitel da cúpula da torre também sumira. A única torre, de aspecto singelo, mas fortíssima construção, estava ainda erecta... o sino lá estava pendurado. (Soares apud UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, 2002, p.113),

Ainda segundo o mesmo autor, essa torre foi derrubada por tiros de canhão, juntamente com o sino e o próprio sineiro, e, mais tarde, no fim do conflito, como a outra igreja, foi inteiramente dinamitada.

Com área aproximada de 110 m² contava, a Igreja Velha, com uma nave central irregular e capela-mor, constituindo corpos laterais assimétricos, não propriamente corredores, bem como um anexo ao fundo, sugerindo tratar-se de uma sacristia que comunicava-se à nave através de uma porta no pátio lateral (Imagem: 31).

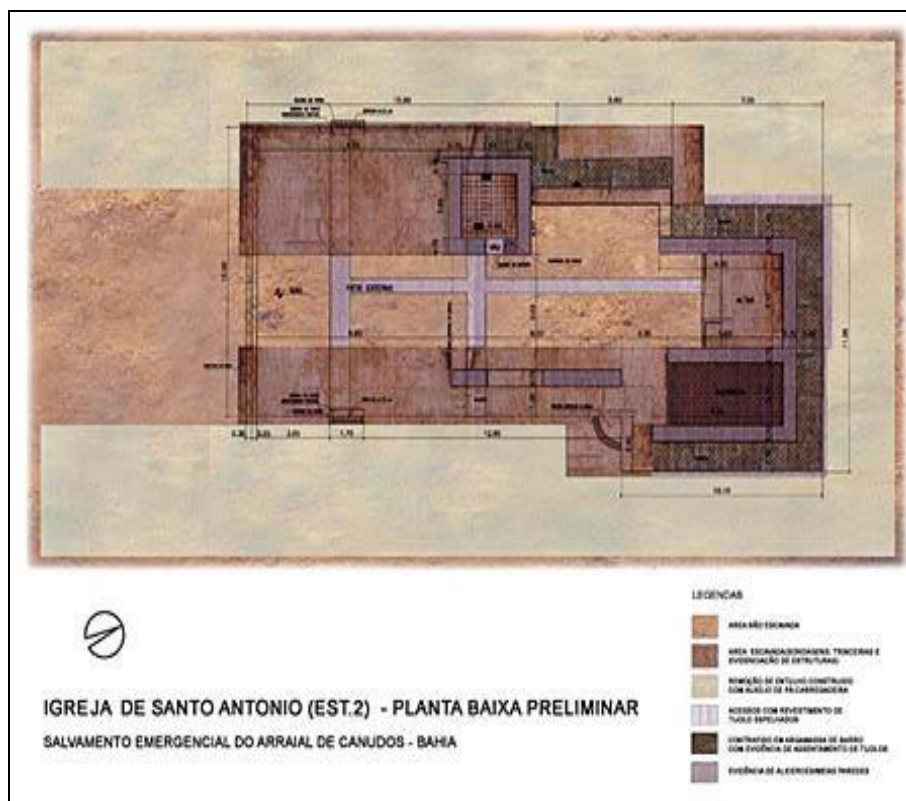


Imagem 31: Reconstituição da planta baixa da Igreja de Santo Antônio do Belo Monte
Fonte: Zenattini Arqueologia.

Apresentando uma fachada com três portadas ecimadas por três janela, esse templo lembra a estrutura delicada de outra igreja erigida anteriormente pelo beato: Igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó. Pode-se até afirmar que as duas adotaram o mesmo partido tipológico, existindo poucas diferenças entre ambas.

O que chama atenção é o fato de que, por estarem situadas no alto sertão, elas apresentam uma ornamentação mais rebuscada; levando-nos à seguinte dedução: quanto mais próximas do litoral, mais neoclássica é a feição dessas obras, e quanto mais distantes do mar, e mais próximas do Rio São Francisco, ou em direção a Pernambuco, mais influenciada pelo barroco será a sua linguagem arquitetônica.

O frontispício de Santo Antônio de Canudos apresentava-se em dois planos com decoração em volutas contendo curvas e contracurvas deveras graciosas, as quais nos remetem ao *décor* Barroco/Rococó. No coroamento do frontão, erguia-se uma cruz de madeira que dialogava com a do cruzeiro à frente do templo.

Estiveram presentes na construção desse edifício variados artífices, dentre eles Manuel Faustino e Manuel Gonçalo, os quais fizeram com que a obra se tornasse a mais elaborada e bem acabada das erigidas até então.

Sobre os artesãos do Belo Monte, Galvão (2001, p.51, 52) declara que entre os muitos que labutaram na arquitetura pia do Conselheiro, o nome mais importante que a história reteve é o do Manuel Faustino, mestre-de-obras que, por delegação do líder, presidiu os trabalhos tanto na igreja do arraial do Bom Jesus de Crisópolis, incluindo o cruzeiro que lhe fica defronte e que assistiu à pregação do Conselheiro, como da Igreja Velha em Canudos.

Como o templo de Santo Antônio foi dinamitado e não ficaram registros visuais sobre o interior do mesmo, não temos como discorrer sobre sua decoração interior. Pelos relatos feitos deduzimos que se assemelhasse, um pouco, com a decoração do templo de Crisópolis, pois conforme o depoimento de alguns sobreviventes, as flores em talha que o mestre Faustino aí produziu, eram uma das marcas preferidas do Conselheiro e estavam presentes em outros templos.

A Igreja Velha de Canudos, projetada em pedra, cal e tijolos, contou ainda com a utilização de pedras de calcário trabalhadas (cantarias) e apliques diversos.

Dois imponentes coruchéus ladeavam a sua frontaria e frisos à moda grega eram ricamente trabalhados com meandros ondulados. Também estavam presentes símbolos como: monogramas, brasões, quiçá em homenagem ao império, e uma cartela com a data do término da obra, detalhe recorrente nas obras conselhiristas.

No lado esquerdo, elevava-se uma compacta e graciosa torre-campanário, donde soavam as melodias do sino atraindo os fiéis para os momentos das preces. Contrapondo o pensamento e visão equivocada de Cunha (2002), que afirmava que a edificação de Santo Antônio era frágil, pequena e de aspecto modestíssimo, podemos constatar que tais ideias não se confirmam. Pelo contrário, erguida e talhada naqueles confins do sertão, levando em

consideração as adversidades, pode-se concluir que esse templo configurava-se como um milagre da arquitetura dos sertanejos.

2.4 O CRUZEIRO DA IGREJA DE SANTO ANTÔNIO

O cruzeiro de Canudos foi o único exemplar que no final da guerra se manteve praticamente incólume. Por muito tempo a cruz que demarcava o espaço mais sagrado do Belo Monte ficou sendo objeto de adoração.

A Canudos ressurgida no pós-guerra, (1907), não foi edificada diretamente nos escombros do Belo Monte. Em respeito à memória daquele povo, a cidade foi crescendo mais afastada em direção ao norte. Pelo que se pode depreender, ninguém foi morar na antiga praça central, muito embora fosse o melhor lugar devido à proximidade com o rio.

Passados dez anos depois do conflito, Canudos já estava recomposta, e, uma nova igreja foi inaugurada em 1909, para substituir as duas anteriores, destruídas durante o bombardeio e assalto final à cidade do Conselheiro.

Das ruínas da antiga cidade, o cruzeiro despontava imponente; até que no final da década de sessenta, do século XX, o rio que passava próximo, o Vaza-Barris, foi represado para combater as secas, e suas águas inundaram a região, e uma terceira Canudos foi então erigida. A grande cruz que coroava o pedestal, na antiga praça das igrejas, foi então transportada para a nova Canudos, sendo guardada até hoje como relíquia histórica.

Dos cruzeiros projetados por Antônio Conselheiro somente três se tornaram conhecidos amplamente: o Cruzeiro do Senhor do Bonfim de Chorrochó, o do Bom Jesus de Crisópolis e o de Santo Antônio do Belo Monte. Recentemente conseguimos identificar mais um exemplar; o de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Ribeira do Amparo, e, muito embora seja mais simples por se tratar de uma capela, ele mantém a mesma formatação.

Esses exemplares se tornaram tão fortes e importantes no conjunto de sua obra que chegaram mesmo a definir o modo de construir do profeta. É, todavia, de suma importância, compreender que esse elemento arquitetônico marcará uma nova fase em sua trajetória. Antônio Vicente quando saiu do Ceará e apareceu, em 1874, nas às terras do Sergipe e da Bahia, era um simples penitente que se tornou beato. Nesse momento, quando começou a

edificar capelas, suas construções eram de pequeno porte e apresentavam, quando muito, no espaço frontal da igreja, uma cruz encimada em uma base pequena sem ornamentos ou detalhes relevantes.

Já no final da década de oitenta do século XIX, conhecido como Conselheiro, e com um número de seguidores cada vez maior, o mesmo passa a erigir com mais pompa, projetando, quase sempre, na ampla praça, um cruzeiro assentado numa base trabalhada, e, às vezes, ricamente ornamentada. Esse cruzeiro, por sua vez, projetava-se dentro de uma pequena área contendo pequenas colunas e cercada por gradis de madeira. Tornou-se conhecido como “cruzeiros-palanques”, pois o mesmo os utilizava para fazer seus sermões e pregações, uma vez que não podia fazer isso no interior das igrejas, já que não possuía cargos eclesiásticos.

Os cruzeiros de Antônio Conselheiro evoluíram consideravelmente, e seu momento áureo se deu, sem sombra de dúvida, no Belo Monte, quando enfim, o profeta se tornou conhecido como o Bom Jesus Conselheiro.

O grande cruzeiro-palanque de Canudos fazia parte do conjunto arquitetônico da Igreja de Santo Antônio, a Igreja Velha. Em sua base encontrava-se uma pequena lápide retangular gravada com as seguintes inscrições: “Edificado em 1893 A.M.M.C” e no final do enunciado as iniciais: M.M.G.

De acordo com a tradição local essa inscrição significava - Antônio Mendes Maciel Conselheiro. Já a última, de acordo, com Pedro Calmon (apud, UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, 2002, p.113), significava - Mestre Manuel Gonçalo.

Os registros visuais que chegaram até nós sobre essa construção, são as fotos do expedicionário Flávio de Barros. É através desses documentos que podemos verificar determinados detalhes, bem como estabelecer relações mais seguras com outras obras do beato.

Numa perscruta mais detalhada dessas fotografias, nota-se que o cruzeiro possuía vários pilares que margeavam as extremidades, além da cercadura em madeira que contornava toda a base do quadrado.

A estrutura do cruzeiro de Santo Antônio é a mais rica em detalhes. Nela, o uso da pedra e da cal, bem como o detalhamento em cantaria e cerâmica, possibilitavam uma tipologia mais complexa e evoluída. Sendo a mais diversificada em ornatos e detalhes, a

decoração com apliques de argamassa no pedestal lembra algo dos detalhes do barroco tardio, os quais se mesclavam às colunas de cariz neoclássico, possibilitando, com isso, um certo hibridismo.

A base do cruzeiro dialogava, sobremaneira, com a fachada e a decoração interior do templo, pois vários motivos fitomórficos apareciam decorando-a. Na verdade, eram elegantes rosas em alto relevo que saltavam como tema; um dos motivos decorativos recorrentes na gramática do beato e do mestre Faustino; artífice que viveu seus últimos dias no Belo Monte (Imagens: 32 e 33).

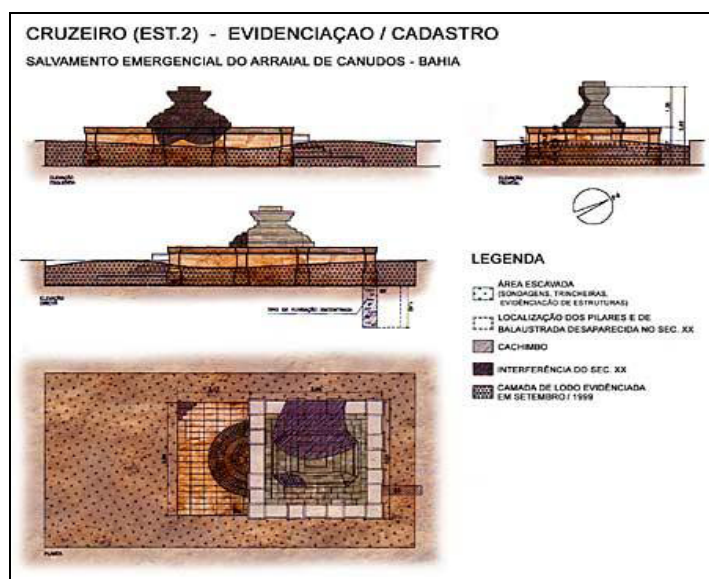


Imagem 32: Reconstituição do cruzeiro da Igreja de Santo Antônio do Belo Monte.
Fonte: Zenattini Arqueologia.

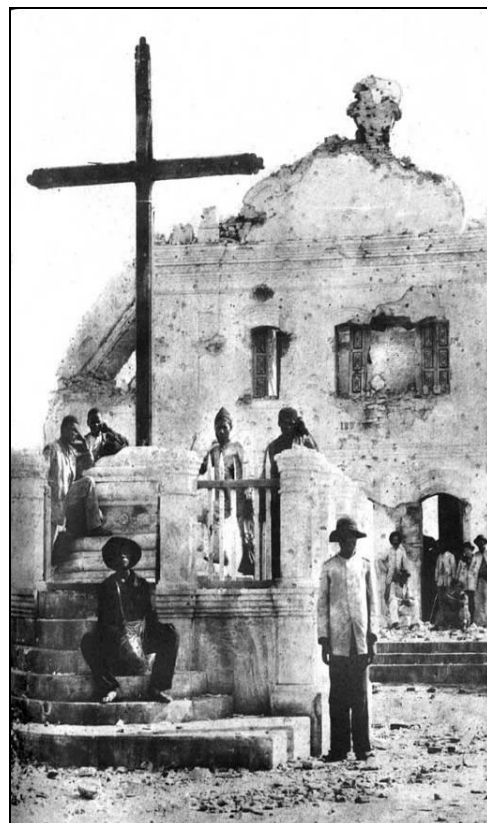
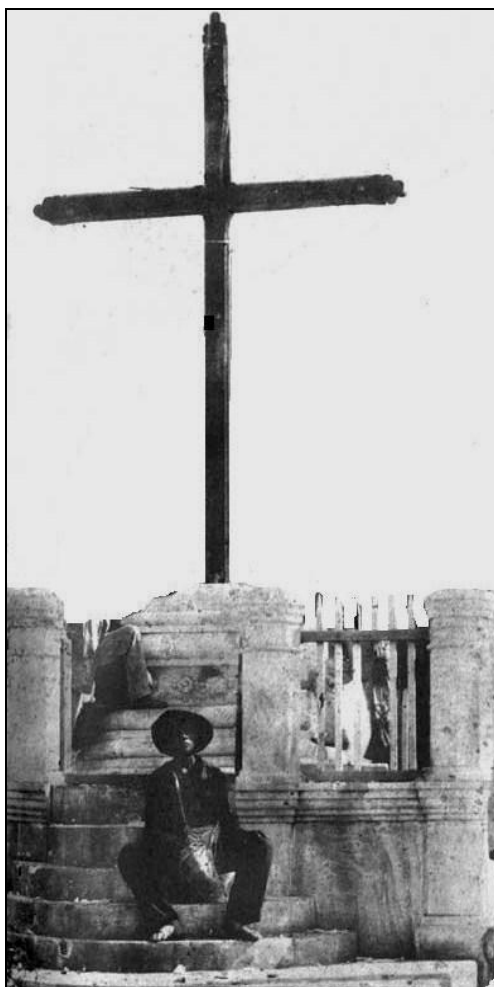


Imagem 33: Cruzeiro da Igreja de Santo Antônio do Belo Monte. Flávio de Barros.
Fonte: Museu da República, 1897.

2.5 IGREJA DO BOM JESUS, A NOVA



Imagem 34: Desenho da Igreja do Bom Jesus ou Igreja Nova do Belo Monte, baseado em Flávio de Barros.
Fonte: Eduardo Verderame, 2010.

O templo do Bom Jesus foi a segunda grande construção a ser concebida e edificada no arraial do Belo Monte. Fez-se necessário erigi-la em detrimento de a cidadela ter aumentado além do esperado. Mais do que um simples lugar onde se glorificava o nome do Senhor, a nova obra seria aproveitada como um baluarte destinado a conter as forças republicanas.

No ano de 1895, já temos notícia dos trabalhos executados nesse templo. Nesse mesmo ano, com a finalidade de dispersar o povo do Conselheiro, o arcebispado da Bahia enviou uma comitiva a Canudos composta pelos capuchinhos frei João do Monte Marciano e Frei Caetano de Léo. No final da missão, não conseguindo o que pretendia, o frei João do Monte Marciano apresentou um relatório onde denunciava as práticas e vivências no Belo Monte. Nesse relatório, nota-se um discurso não afinado com aquela realidade. Por serem italianos, os freis não conseguem assimilar as práticas daquele contexto, e, embora seja um

documento que trata dos vários aspectos do arraial, o que produzem, é, deveras, preconceituoso.

Chega-se mesmo a abordar sobre a construção da Igreja Nova de Canudos, bem como o interesse do Conselheiro em falar sobre suas construções.

Refeitos um pouco da nossa penosa viagem, dirigimo-nos para a capella onde se achava então Antônio Conselheiro, assistindo aos trabalhos de Construção; mal nos perceberam, os magotes de homens armados cerraram fileiras junto à porta da capella, e ao passarmos disseram todos: *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo*, saudação frequente e commum, que só recusam em rompimento de hostilidades. Entrando, achamo-nos em presença de Antônio Conselheiro, que saudou-nos do mesmo modo [...]. As primeiras palavras que trocamos versaram sobre as obras que se construíram e elle convidou-nos a examinal-as, guiando-nos a todas as divisões do edificio. (MARCIANO, 1895, s/p)

No ano de 1896, esse templo estava, ainda, em execução. E foi, justamente, por causa das obras dessa igreja, que não chegaram a ser concluídas, o motivo primeiro da luta sangrenta que envolveu toda a nação brasileira.

O penitente não se cansava de falar sobre o seu grande projeto, mostrando o desenho elaborado por ele mesmo, discorrendo sobre os detalhes, o tipo de material, a altura, a quantidade de janelas, as torres e o pessoal envolvido na construção. No meio da conversa, chamou o mestre Faustino e procurou informação sobre a madeira usada no piso, no coro e na cobertura - Tem muita árvore boa aqui pros lados de Cocorobó – disse Faustino, orgulhoso do seu saber e do seu trabalho - E a que será usada no acabamento do altar principal? – perguntou o Conselheiro, lembrando-se de outras igrejas construídas pelo seu povo, com o mestre Faustino executando verdadeiras obras de arte nos altares - Ai tem de ser madeira boa, meu pai – lembrou o mestre –, e aqui na redondeza não tem - E onde vamos conseguir? – quis saber o conselheiro. - Poderá conseguir em Juazeiro [...]. (CANARIO, 2005, p. 220).

Segundo informa Calasans (1997, p.71), devido à necessidade de madeiramento para a construção da Igreja Nova, Conselheiro, por intermédio de Macambira, um de seus homens de confiança o encomendou na cidade de Juazeiro, pagando com recursos próprios da comunidade. Espalhou-se então a notícia, na cidade, que os jagunços iriam buscar de qualquer forma a encomenda, cuja entrega fora retardada. Seria a hora do assalto ao importante centro urbano do Rio São Francisco. O pânico dominou algumas autoridades locais e foi pedida a presença de tropas para garantir a segurança no Juazeiro, indo além um destacamento de linha comandado pelo tenente Pires Ferreira, que tomou rumo de Canudos, iniciando-se, com isso, um dos muitos fogos que ainda viriam.

O maior de todos os templos erigidos pelo Antônio Conselheiro impressionava quem passava por Belo Monte, mesmo que de longe. A história que corria no sertão era que

esse monumento seria tão grande e belo quanto o templo de Salomão. Essa visão de grandiosidade do monumento extrapolou, até mesmo, os muros locais, e se propagou, inclusive, nas grandes capitais.

Outro fato importante é que o andamento da obra e seu caráter de monumentalidade foram espécies de propagandas do afamado arraial, atraindo pessoas dos mais diferentes estados do nordeste.

Com as sucessivas derrotas do exército, uma forma que os jornais e o próprio governo encontram para livrarem-se da vergonha e vexame ocorridos, foi propagar a ideia de que Canudos era uma imensa cidade-fortaleza, com construções, cujas paredes mediam cerca de 1.50 a 2.00, e recebiam, por seu turno, ajuda de outros países.

Logo depois de fracassada a expedição de Moreira César, baseando-se em informações dos que sobreviveram ao desastre, *O Diário Popular* de 04/05/1897 (apud UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, 2002, p.116) anunciava aos seus leitores que a Igreja Velha parecia com a do Bonfim da Bahia e a nova a da Conceição da Praia, tendo esta a suas paredes mais de metro de espessura, de pedra coração de negro. *O Correio Paulistano* não dava por menos os seus cálculos, noticiados em 17/07/1897 (apud UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, 2002, p.116) no qual afirma que as paredes da famosa igreja de Canudos tinham dois metros e meio de espessura; constituída em duas partes de um metro de largura e com um intervalo de meio metro cheio de areias e troncos. Já o jornal *O Estado de São Paulo* de 30/03/1897 (apud UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, 2002, p.116) foi mais moderado quando afirmava que as duas igrejas, uma das quais verdadeiro baluarte pela sua sólida construção, tinham mais de um metro e meio de espessura.

Segundo nos informou um correspondente de *A Gazeta de Notícias* de 22/09/1897 (apud UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, 2002, p.117), essa visão não se sustentaria, pois, as igrejas não tinham tanto de monumental, se parecia, todavia, com outras igrejas do sertão.

De um barranco que serve de trincheira a uns 60 metros da igreja nova, examinei as ruínas deste decantado e célebre baluarte expugnável. A parede lateral está completamente derrocada pela ação da artilharia da Favela; a frente e o lado oeste estão completamente arruinados, as torres derrocadas, o telhado completamente inutilizado, é um esqueleto em pé. Mas, como se exagera, Santo Deus! Dizia-se que era uma construção monumental, fazendo-se crer até

superior à Fortaleza de Santa Cruz. Pura fantasia, própria de uma terra de fanáticos. A igreja nova, hoje em ruínas, é de construção simples, paredes grossas de sessenta ou oitenta centímetros, mais ou menos, como me foi possível calcular a 60 metros de distância, feitas de pedra e cal, como são feitas todas as igrejas, e nada mais. Se esta tal igreja era uma fortaleza inexpugnável, então que serão as nossas igrejas da Candelária, do Carmo e tantas outras aí! É verdade que é uma construção poderosa, relativamente às construções daqui, onde não há outras que não sejam de pau-a-pique, barro, cobertas de folhas de icó com barro por cima ou telha-vã.



Imagem 35: Fachada da Igreja do Bom Jesus do Belo Monte. Flávio de Barros.
Autoria: Antônio Conselheiro
Fonte: Arquivo Histórico do Museu da República – RJ.

Todavia, era essa a mais imponente das construções. A vítima principal dos canhões e dos tiros de outros armamentos. Foi a obra mais arrasada. Na imagem realizada por Flávio de Barros pode-se constatar; paredes destruídas, torres desabadas, dinamitadas e incendiadas. (Imagens: 34 e 35).

O templo do Bom Jesus do Belo Monte, a Igreja Nova, se por um lado encantava a muitos sertanejos pela sua imponência e beleza; na faixa litorânea ela era descrita como a obra tosca dos rudes fanáticos.

Talhada no centro da cidade, esse templo foi, realmente, vítima de muitas discussões.

A escrita de um dos grandes vultos do Pré-Modernismo brasileiro, quando trata desse templo, é tomada de equívocos e preconceitos. Em sua obra *Os sertões*, Cunha (2002, p. 183-185) afirma:

Além disto ali os aguardava, no termo da jornada, a última penitência: a construção do templo. A antiga capela não bastava. Era frágil e pequena. Mal sobranceava os colmos achatados. Retratava por demais, no aspecto modestíssimo, a pureza principal da religião antiga. Era necessário que se lhe contrapusesse a *arx* monstruosa, erigida como se fosse o molde monumental da seita combatente. Começou a erigir-se a igreja nova. Desde antemanhã enquanto uns se entregavam às culturas ou tangiam os rebanhos de cabras, ou abalavam para *fazer* o saco nas vilas próximas, e outros, dispersando-se em piquetes vigilantes, estacionavam nas cercanias, bombeando quem chegava, o resto do povo moirejava na missão sagrada. Defrontando o antigo, o novo templo erguia-se no outro extremo da praça. Era retangular, e vasto, e pesado. As paredes mestras, espessas, recordavam muralhas de reduto. Durante muito tempo teria esta feição anômala, antes que as duas torres muito altas, com ousadias de um gótico rude e imperfeito, o transfigurassem. É que a catedral admirável dos jagunços tinha essa eloquência silenciosa dos edifícios, de que nos fala Bossuet... Devia ser como foi. Devia surgir, mole formidável e bruta, da extrema fraqueza humana, alteada pelos músculos gastos dos velhos, pelos braços débeis das mulheres e das crianças. Cabia-lhe a forma dúbia de santuário e de antro, de fortaleza e de templo, irmanando no mesmo âmbito, onde ressoariam mais tarde as ladainhas e as balas, a suprema piedade e os supremos rancores... Delineara-a o próprio Conselheiro. Velho arquiteto de igrejas, requintara no monumento que lhe cerraria a carreira. Levantava, volvida para o levante, aquela fachada estupenda, sem módulos, sem proporções, sem regras; de estilo indecifrável; mascarada de frisos grosseiros e volutas impossíveis cabriolando num delírio de curvas incorretas; rasgada de ogivas horrorosas, esburacada de troneiras; informe e brutal, feito a testada de um hipogeu desenterrado; como se tentasse objetivar, a pedra e cal, a própria desordem do espírito delirante. Era a sua obra-prima. Ali passava os dias, sobre os andaimes altos e bailéus bamboantes. O povo enxameando embaixo, na azáfama do transporte dos materiais, estremecia muita vez ao vê-lo passar, lentamente, sobre as tábuas flexuosas e oscilantes, impassível, sem um tremor no rosto bronzeado e rígido, feito uma cariátide errante sobre o edifício monstruoso. Não faltavam braços para a tarefa. Não cessavam reforços e recursos à sociedade acampada no deserto. Metade, por assim dizer, das gentes de Tucano e de Itapicuru para lá abalou. De Alagoinhas, Feira de Santana e Santa Luzia, iam toda a sorte de auxílios. De Jeremoabo, Bom Conselho e Simão Dias, grandes fornecimentos de gados. Não assombravam aos recém-vindos os quadros que se lhes antolhavam. Tinham-nos como obrigatoria a prova desafiando-lhes a fé inabalável.

Por outro lado, foi o empreendimento que consumiu maior mão-de-obra e recursos. Para o Belo Monte, nesse momento, iriam artífices e mestres de todos os lugares do nordeste, os quais propiciariam um ritmo mais acelerado à construção.

Aras (1953, p.47) declara que as obras da Igreja Nova eram aceleradas. Segundo suas informações, a construção seguia adiantada ouvindo-se, até mesmo, o retinir das marretas quebrando pedras, blocos de mármore em todas as cores e tonelagens descidas do Cambaio por dezenas de homens com bimbarras. Chegavam linhas de Jequitibá em ombros, vindas das fazendas de um dos cabecilhas – Norberto das Baixas, no município do Bom Conselho, ou procedente do Banzaê. Nas obras dos altares, marceneiros e pintores, com o maior cuidado, levavam a obra ao ponto de ser terminada toda a um só tempo.

Acerca dos trabalhos realizados na obra maior do Belo Monte, Graham (2002, p.129-130) informa-nos que:

Antônio Conselheiro não estava sempre nas nuvens ou nos púlpitos pregando para seus adeptos. Como outros místicos, tinha um lado prático muito forte. Era algo a ser visto durante todo o dia inspecionando os encarregados de cavar trincheiras e de construir paliçadas alinhadas ao longo do rio, atrás das quais pudessem ser estendidos os rifleiros. Uma coisa acima de todas reclamava sua especial atenção. Era a construção de um templo à altura das circunstâncias, suficientemente grande para abrigar a enorme multidão que ali se reunia e para sustentar a dignidade que se deve atribuir à última igreja antes da destruição do mundo. Os fiéis trabalhavam gratuitamente. O material era trazido de todas as regiões do sertão e havia pilhas de madeira, de pedras e de telhas por todos os lados da praça principal. Os construtores trabalhavam com a frequência de formigas, possuídos, deixando de lado o instinto, de um fervor religioso que lhes impulsionava o trabalho. Desde a construção das pirâmides, a humanidade não havia visto tal multidão de trabalhadores não especialistas transportando vigas e pedras para sua vasta empresa. A diferença estava no fato de que em Canudos todos trabalhavam voluntariamente, sem um supervisor, salvo o próprio Conselheiro. A toda hora ele estava entre os seus obreiros, sem falar com ninguém, mas olhando tudo. Nada parece tê-lo acovardado. As geladas manhãs do sertão, com o termômetro bastante baixo do ponto de congelamento, encontravam-no, ao raiar da aurora, com a cabeça descoberta, vestido com sua túnica de algodão, em seu posto de trabalho. Ao meio-dia, quando o impetuoso sol, inclusive depois das manhãs geladas, derramava-se como chumbo derretido sobre a terra argilosa dos áridos montes que rodeiam Canudos, ele ainda estava fazendo suas rondas. Seus obreiros olhavam-no, com uma mistura de admiração e medo, caminhar como um equilibrista ou um sonâmbulo através de vigas estendidas entre as paredes, a uma altura prodigiosa, tão impávido como quando andava pelo chão. Lentamente, a monstruosa e babilônica construção ia se erguendo, dentro de uma massa de andaime rústicos sustentados por cordas feitas como couro cru ou por cipós cortados das árvores. Em pouco tempo, dominou todo o povoado, elevando-se sobre a humilde igreja da fazenda, a qual logo tornou pequena e insignificante. Solidamente edificada em forma retangular, o que lhe dava o ar de uma fortaleza medieval ou pré-histórica erguida por algum *Nemrod* para chegar ao céu e dominar a humanidade, destacava-se sobre o povoado. Em meio à paisagem inerte, onde poucas árvores, além da mangabeira, suportam as terríveis e bruscas variações de temperatura e conservam suas folhas, o templo gigante avançava, escuro e ameaçador. Suas paredes eram pardas, a cor predominante da pedra do sertão. O extenso mar de cabanas era pardo e sem brilho. Fora de seu raio e do outro lado do rio Vaza-Barris, os baixos e ondulados montes pareciam calcinados e tão ermos como as montanhas da lua. A maioria dos obreiros usava a roupa de couro de veado dos

vaqueiros, e trabalhavam em uma nuvem de pó que tingia seus rostos de um pardo ainda mais escuro. O pó fluuava acima de tudo, tornando Canudos e seu templo em construção quase invisíveis dentro de sua depressão, vistos a pouca distância. Um viajante que passasse pelos morros não teria visto nada, salvo o *simum* levantado pelos obreiros descalços, rasgado pelas altas paredes do templo que ia se erguendo e pelos gritos dos que se dedicavam ao trabalho, protegidos e isolados da humanidade. O templo da *Sion* dos jagunços não foi terminado nunca; mas ainda assim ele ocuparia seu papel no espaço em que iria ter lugar. Enquanto isso, como um segundo *Birs-Nemrod*, elevava-se sobre a rancharia parda e baixa dos sectários.

Mesmo que tenham existido falas de sentido depreciativo com relação a essa construção, é importante admitir que a maior obra do arraial de Canudos e, inclusive, de outras cidades concebidas pelo Conselheiro, foi a Igreja do Bom Jesus.

Com área de aproximadamente de 270m² as paredes desse templo, segundo informações arqueológicas desenvolvidas pela Universidade do Estado da Bahia (apud UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, 2002, p.117) têm medidas de 0.60m de largura, próprias e justas ao dimensionamento desses tipos de estruturas. Segundo essas informações, a igreja era dotada de uma nave central, com altar-mor alteado, contando com corredores laterais simétricos.

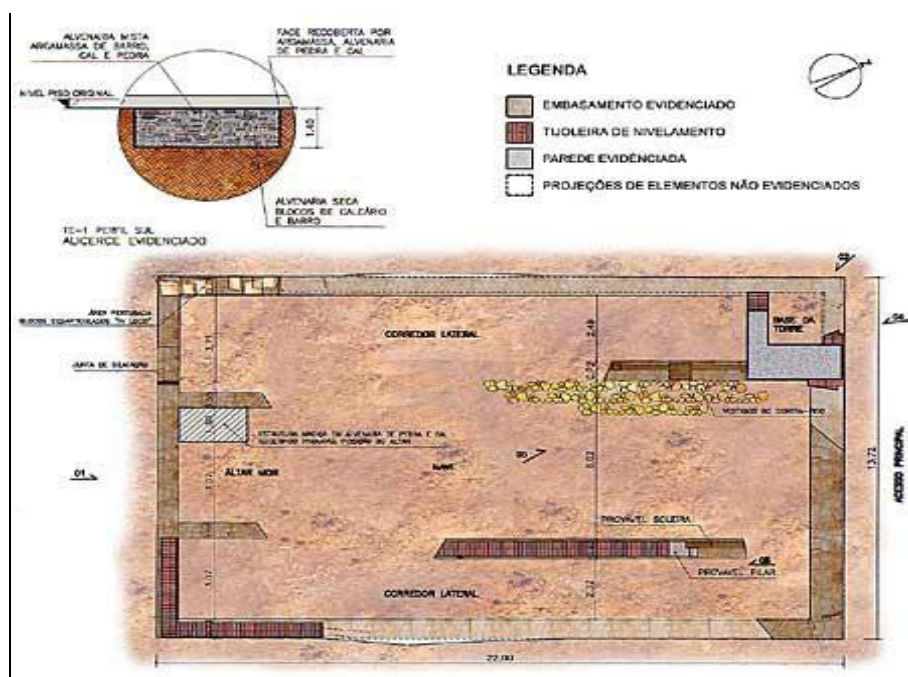


Imagem 36: Reconstituição da planta baixa da Igreja do Bom Jesus do Belo Monte
Fonte: Zenattini arqueologia

A fachada dessa obra era ladeada por dois torreões com acesso externo, tendo sido possível, inclusive, evidenciar a base estrutural que o suportava, além das linhas projetadas pelos artífices na argamassa, indicando o vão da porta.

É importante frisar que essa edificação era a única dos exemplares do Conselheiro que apresentava, além do grande porte, elementos que diferiam das demais edificações erigidas até então. Nela se faziam notar: o uso de duas torres campanário laterais, pórtico frontal monumental em arco pleno, etc. É a única com duas torres, pois dadas as dificuldades de recursos e ao tempo curto da construção, em outras localidades ele não ergueu campanários com a mesma estrutura presente no templo do Bom Jesus. (Imagem 37).

Outro aspecto que chama a atenção, nessa obra, é o tratamento neogótico aplicado aos vãos das portas e janelas laterais do pavimento térreo e transformadas em barricadas, em oposição às janelas de apelo mudéjar, indicando a transição no construir do Conselheiro. (Imagem 38).



Imagem 37: Igreja do Bom Jesus ou Igreja Nova reconstituída no filme Guerra de Canudos.
Fonte: Filme Guerra de Canudos de Sergio Rezende, 1997.

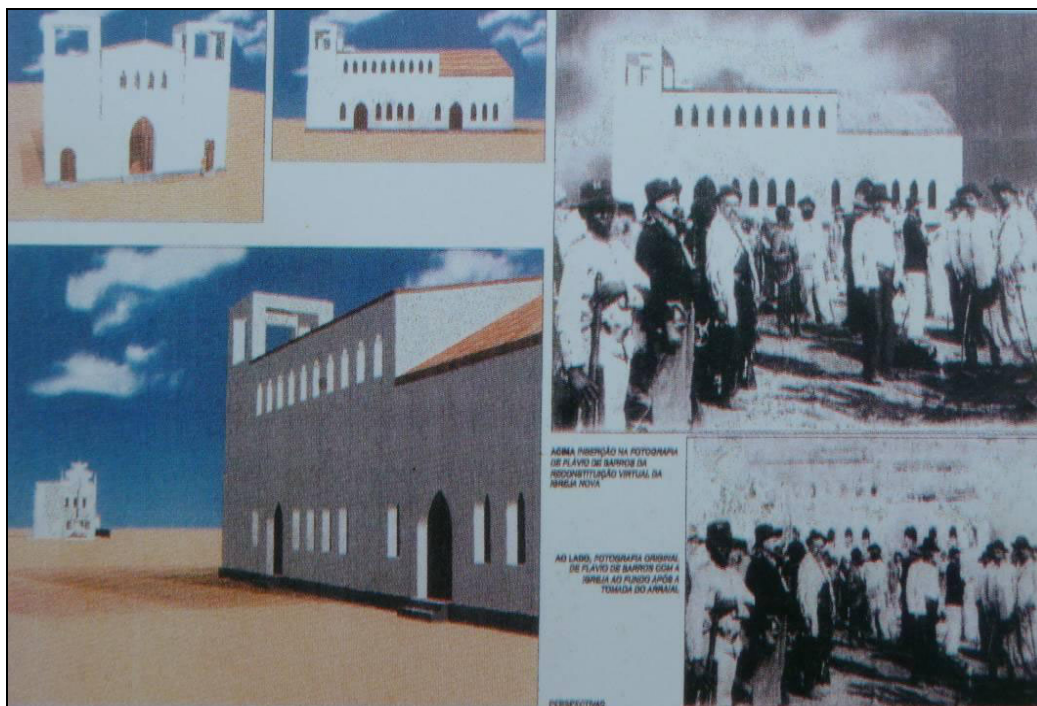


Imagem 38: Igreja do Bom Jesus ou Igreja Nova reconstituída.

Fonte: Universidade Estadual da Bahia, 2002.

No grande sertão da Bahia por onde o beato Antônio andou, somente duas igrejas ostentavam imponentes suas duas torres sineiras: A igreja de São João em Geremoabo e a igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho em Cícero Dantas; ambas do século XVIII e erigidas através das missões do frei italiano Apolônio de Todi.

Sabe-se que Conselheiro, nessas duas cidades, além de peregrinar, efetuou reparos, construiu obras e comercializou. Em Jeremoabo, não temos notícia de que o beato tenha restaurado ou edificado algo, todavia, sabe-se que ele circulou por esse município, realizando negócios e arrecadando recursos, quando já estava fixado no Belo Monte.

As janelas de influência neogótica e mudéjar da igreja de Cícero Dantas influenciou, sobremaneira, o partido estilístico do templo do Bom Jesus. Conselheiro, contudo, emprega esses estilos, nos vão laterais da construção. (Imagens 39 e 40).



Imagem 39: Igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho, Cícero Dantas – BA.

Autoria: Apôlonio de Todi, século XVIII.

Fonte: Jadd Pimentel, 2011.



Imagem 40: Igreja de São João, Geremoabo – BA.

Autoria: Apôlonio de Todi, século XVIII.

Fonte: Jadd Pimentel, 2011.

Com relação à decoração interior da Igreja Nova nada se pode inferir, uma vez que quando do assalto final e entrada das forças republicanas, a igreja já se encontrava totalmente destruída. Por outro lado, a construção era recente e os artífices ainda iniciavam as obras dos retábulos. Vale lembrar que nem a cobertura, nem as torres da igreja se encontravam terminadas.

No dia 5 de outubro de 1897, o arraial todo ardia como fornalha. Canudos encontrava-se demolida. A igreja fortaleza em cujas torres incompletas e andaimes transitavam os sertanejos para acertar os inimigos, e que por sua vez consistia no alvo preferencial da fuzilaria dos soldados, caiu, enfim, no finzinho da guerra, havendo grande manifestação de júbilo entre os soldados. Aproximava-se o desfecho da bizarra guerra que teve, por centro, esse templo. (Imagem 41).



Imagem 41: Belo Monte destruída, 1993.

Fonte: T. Gaudenzi.

CAPÍTULO III – ANTÔNIO CONSELHEIRO FUNDADOR DO ARRAIAL DO BOM JESUS - CRISÓPOLIS

Inhambupe Bom Conselho
Jacobina, Chorrochó
Monte Santo, Mundo Novo
Lagoinha, Quixadá
Entre Rios, Belos Montes
Quem é esse que vagueia
Conselheiro que tonteia
Que apeia sem chegar

Que horizonte mais errante
Que credence mais descrente
Que descrença mais distante
Que distância mais presente
Desgoverno governante
Quanto gente confiante
Em Antônio Penitente...

(LOBO E CACASO, 1978).



Imagem 42: Antônio Conselheiro e as beatas – 1983, Óleo sobre tela.
Fonte: Edmundo Simas.

3.1 O ARRAIAL DO BOM JESUS – CRISÓPOLIS

Crisópolis é uma dessas cidadezinhas dos confins dos sertões legada ao esquecimento. Padece, todavia, pela falta de recursos básicos indispensáveis à manutenção da dignidade humana: assistência médica, educação de qualidade, implementação de projetos culturais, dentre outros.

Quase nunca divulgada nos livros, na imprensa ou na história oficial; ela guarda e preserva, ainda assim, um vasto legado da oralidade, indispensável para um repensar da história do sertão da Bahia e do evento Canudos.

Há, entretanto, nesse sítio urbano, mais especificamente na praça cujo topônimo é Antônio Conselheiro, um outro achado pouco discutido, e de valor histórico incalculável para o recontar dessa história: A igreja do Bom Jesus, edificada pelo peregrino Antônio Conselheiro e sua grei.

Crisópolis ainda é, quase, do tamanho de uma vila. Está, como outras pequenas cidades concebidas pelo beto Antônio, distante dos rumores progressistas da modernidade.

Para se chegar lá, depois de 215 quilômetros de viagem, tomando-se como referência a capital da Bahia, por exemplo, demanda-se paciência. Estando-se na sua zona de proximidade, avista-se, em um certo ponto, uma pequena placa em sentido vertical, cujo nome indica a via de acesso para se encontrar os pórticos da cidade.

A partir daí, até chegar no sítio urbano, percorre-se um caminho de estrutura precária, pontuado em seus menandros, pela simbologia religiosa cristã. Numa curva, um altar encimado por pequena cruz lembra a morte inesperada de alguém, noutra, uma capela, um cruzeiro, etc., atestam a devoção do povo sertanejo.

Ainda hoje, as estradas principais que dão nesses sítios, são de difícil acesso, levando-nos a crer, que cada ponto desses escolhido, era, deveras, cuidadosamente analisado pelo perigrino.

Dentre essas escolhas podem-se listar as seguintes preferências: área de bons ares e geralmente próxima dos rios e riachos facilitando a aquisição de água, dada as securas da região (Crisópolis – Rio Itapicuru, Chorrochó – São Francisco, Belo Monte – Vaza-Barris), zona propícia ao recolhimento - típica de religiosos e peregrinos, e propensa à meditação.

Sobre as principais carecterísticas quando da escolha da aréa para a edificação do futuro arraial do Bom Jesus, Calasans (1997, p.66) assegura:

Trinta quilômetros distantes da sede da freguesia de Nossa Senhora de Nazaré do Itapicuru de Cima, num agradável tabuleiro, ficava a fazenda Dendê de Cima, onde possuíam terras, em 1857, Dionísia Florinda de Santana e Bernardina Francisca da Conceição. Mais além, perto do riacho Pecuária, no lugar denominado Dendê de Baixo, eram proprietários José de Souza Barbosa e Maria Ferreira de Souza, conforme consta do competente livro de registro de terras do município de Itapicuru, destinado a observância da lei geral de 1854. A zona recebeu a denominação de Dendê, em virtude da grande quantidade da plante (*Elaeis guineensis* Jacq.) do mesmo nome ali existente, explicam os velhos do local. Na fazenda de Dionísia Florinda de Santana, uma Santa Cruz fora fincada em memória de um crime ali praticado. Uma mulher mandara matar o marido, reza a tradição.

Pertencente à microrregião de Alagoinhas, sua fundação enquanto cidade é datada do ano de 1962. Localiza-se no norte da Bahia, na grande área de abrangência do “Polígono da secas” é fronteira com os seguintes municípios: Rio Real, Aporá, Acajutiba, Itapicuru e Olindina (Imagem 43).



Imagem 43: Localização do município de Crisópolis - BA

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cris%C3%B3polis>

Acessado em 15/08/2010.

Por possuir clima semi-árido, seu solo é constituído de caatingas e vegetação rasteira, com pequenas matas ralas dispostas em terreno plano, sendo a criação de gado um ponto forte a dinamizar a sua economia.

A área onde foi edificada a cidade de Crisópolis pertenceu à freguesia do Itapicuru, e seu povoamento iniciou-se na segunda metade do século XIX, por fazendeiros que ali se estabeleceram, formando as fazendas Dendê de Cima e Dendê de Baixo.

Criado com o nome de Vila Rica, e com o território do distrito do Bom Jesus, já esteve anexado ao de Itapicuru e de Esplanada. A sede, criada com o topônimo de Bom Jesus, alterado em 1938 para Crisópolis, foi elevada à categoria de cidade quando da última criação do município.

O antigo povoado do Bom Jesus, cujo nome na atualidade é Crisópolis, guarda ainda, na etimologia do seu nome, uma forte relação com a religiosidade cristã. O primeiro nome da localidade, certamente cunhado pelo beato Antônio Conselheiro, era uma homenagem, desse religioso leigo, a uma invocação do Cristo Crucificado: o Bom Jesus do Bonfim

De acordo com Galvão (2001, p. 37), a Igreja do Bom Jesus, situada na fazenda Dendê de Cima, nas adjacências de Itapicuru, foi erguida a partir do zero, pois nos anos 80 do século XIX, o Conselheiro decidira assentar-se ali, tendo ordenado a seus prosélitos que limpassem a área, levantassem casas, erguessem um barracão para romeiros e escavassem um tanque para o fornecimento de água. Foi ele, quem deu o nome de Bom Jesus ao arraial, embora ali não se demorasse e acabasse indo embora com sua grei, em episódio pouco conhecido.

Antes de fundar o arraial, vinha de longas errâncias. Depois de haver peregrinado por variados estados e cidades do nordeste do Brasil, o penitente Antônio Vicente Mendes Maciel, posteriormente denominado de Antônio Conselheiro, escolheu como estabelecimento derradeiro o solo baiano. Nessas terras, desbravou territórios inóspitos, deu assistência espiritual aos desvalidos e criou obras de cunho caritativo: criação de açudes e caçimbas, abertura de estradas, etc.

Nesse sentido, foi um benemérito por excelência, pois constata-se, ainda, enquanto um sujeito fundador de cidades, criador e restaurador de igrejas, cemitérios e cruzeiros.

Segundo Llosa (2008, p.15), toda vez que o beato surgia repentinamente em alguma vila ou povoado, todos corriam para lhe fazer reverência e lhe trazer alimentos. Porém, ele não comia nem bebia nada antes de chegar à igreja e constatar, mais uma vez, que estava arruinada, descascada, com as torres semidestruídas, as paredes esburacadas, os pisos

levantados, os altares corroídos pelos vermes. Às vezes chorava e começava logo a rezar. Mas não como rezam os outros homens e mulheres: deitava-se de bruços no chão ou nas pedras ou nas lajes lascadas, bem diante de onde era ou tinha sido ou deveria ser o altar, e orava, às vezes em silêncio, às vezes em voz alta, uma, duas horas, observado com admiração pelos moradores.

Nas suas inúmeras andanças, facilmente constatava que era flagrante o abandono espiritual daquelas gentes. A decadência dos templos, nessas paragens, era, e ainda é, constante. Nessa perspectiva, era certo que vários questionamentos o peregrino se fazia, pois não encontrar um sacerdote nas vilas o afligia tanto quanto o abandono da casa de Deus.

Em suas pregações de teor messiânico, que já se faziam sentir desde o seu aparecimento nas terras do Sergipe, em 1874, anunciando o fim do mundo e o Juízo Final, ficavam claras as urgências em reformar e erigir as obras sacras.

[...] Coisas atuais, tangíveis, cotidianas, inevitáveis como o fim do mundo e o Juízo Final, que podiam acontecer, talvez, antes que o povoado reconstruísse a capela desmoronada. Como ia ser quando o Bom Jesus visse o desleixo com que cuidaram da sua casa? O que diria do comportamento dos pastores, que em vez de ajudar os pobres, raspavam seus bolsos cobrando pelos serviços da religião? [...] Era preciso, então, preparar-se. Tinham que restaurar a igreja e o cemitério, a construção mais importante depois da casa do Senhor, pois era a antecâmara do céu ou do inferno, e destinar o tempo restante ao essencial: a alma. (LLOSA, 2008, p.16,17).

Assim, na sua longa marcha de mais de duas décadas, foi arrebanhando multidões e conclamando as massas ao trabalho de obras pias, num sistema denominado mutirão.

Concorriam para este tipo de trabalho as mais variadas gentes que se abalaram de inúmeras cidades. E foi assim que, dando corpo a esse tipo de operação terminaram por edificar o conjunto arquitetônico do Bom Jesus, o qual deu origem ao arraial de mesmo nome.

3.2 A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO ARTÍSTICO NO BRASIL E NO SERTÃO E A CONSTRUÇÃO DA IGREJA DO BOM JESUS

O trabalho artístico que se operou nos grandes centros urbanos do Brasil e da Europa divergiu sensivelmente daquele processado nos sertões brasileiros.

Nessa paragens, devido a ausência de matéria-prima em abundância para a execução de obras, clima hostil, inexistência de profissionais especializados, ausência de ordens religiosas com maior frequência etc., ocorrerá um modelo próprio, de cunho mais popular, mesmo que certas influências externas, trazidas por missionários, se fizessem presentes.

Aqui no Brasil, nos primeiros séculos de formação da cultura barroca e rococó, o trabalho artístico estava atrelado às corporações de ofícios, fazendo com que inúmeros artistas concorressem a grandes projetos implementados pelas companhias e ordens religiosas. A formação da arte, nesse momento, dar-se-ia no convívio e na troca das experiências efetivadas nos canteiros de obras, onde os aprendizes, através da observação e da execução de pequenos trabalhos dos mestres, adquiriam as ferramentas necessárias para a sua aprendizagem.

Esse processo de formação artística instaurado aqui, já era, entretanto, utilizado em muitos países europeus desde a Baixa Idade Média, quando variadas confrarias e corporações de ofício se formaram em torno, e a partir do apoio da igreja. Assim, segundo Boschi (1988) as confrarias mantiveram-se como instituições essencialmente religiosas, ao passo que as corporações iam se constituindo como organismos de caráter profissional.

No tocante a formação dessas atividades várias modalidades artísticas se configuravam: artes liberais – muito valorizadas em função de sua associação com o saber, a razão – arquitetura, música, poesia, etc. Já as artes mecânicas: pintura, escultura, dentre outras, eram comumente vitimadas pelo preconceito, pois por estarem associadas as artes manuais não abracariam aquelas provenientes do conhecimento racional.

Contudo, um surto de produção das artes mecânicas se efetuará, no período barroco, em terras brasileiras. Esse surto se dará a partir da concorrência estabelecida pelas ordens e companhias que aqui se instalaram para a criação de inúmeros conventos e igrejas erigidas nas zonas litorâneas do Brasil enriquecidas pelo comércio do açúcar, do fumo e do algodão.

Um grande resplandecência também se dará a partir dos últimos anos do século XVII, com a descoberta do ouro e pedras preciosas, nas Minas Gerais e sua zona de abrangência. Para essa região irão afluir artistas e profissionais de várias partes do Brasil e da Europa, possibilitando a formação de uma sociedade mais complexa e mais organizada. Haverá, nesse sentido, uma ampla concorrência com relação às artes mecânicas, pois as irmandades aí presentes, estabelecerão editais para a seleção dos variados profissionais.

Por outro lado, de acordo Boschi (1988, p.56), o estado não tinha nenhum interesse em patrocinar ou estimular o espírito corporativo na população, pois corporações fortes sem um rígido controle estatal, poderiam se constituir em focos de insubmissão ou rebeldia. Ao estado só interessava incentivar ou admitir organismos que não fossem ou não viessem a se tornar contestadores do domínio político exercido. Nessa lógica, incentivar o individualismo era uma maior facilidade de controle social.

Todavia, com a chegada da corte portuguesa em 1808, o panorama das artes passou por mudanças consideráveis, pois a Família Real deu um maior incentivo às atividades artísticas. Em 1816, com a Missão Artística Francesa aportarão, no Rio de Janeiro, profissionais de diversas áreas, inclusive artistas da corte de Napoleão, os quais encetarão o gosto pelo neoclassicismo.

Durante o século XIX, no Brasil, criou-se a Escola de Belas Artes, possibilitando, com isso, a propagação de novas metodologias no ensino artístico. Nesse momento, o ensino-aprendizagem é baseado no modelo francês das academias, onde buscava-se imitar os artistas do Renascimento e da Grécia Antiga. Criando-se, a partir daí, o modelo academicista.

Por conseguinte, nos rincões mais distantes do país, mais especificamente no interior do Nordeste, o modelo e organização do trabalho artístico se operará de forma diferenciada das grandes áreas urbanas do litoral e dos centros mais prósperos.

Na vasta zona de abrangência do semiárido nordestino, depreende-se que as obrigações e devoções católicas não eram contemplados na sua totalidade. Raras eram as execuções de obras pias, bem como a organização de trabalhos de caráter artístico.

Nesse ínterim, muitos fiéis ficavam anos sem assistir a uma missa, receber os sacramentos etc., pois geralmente os sacerdotes, aí, eram escassos. Esses rituais só se realizavam, geralmente, quando por ocasião das missões, os capuchinhos e franciscanos se

abalavam das zonas mais longínquas, adentrando o sertão, para a disseminação e reforço da fé.

As Santas-Missões atraíam, onde eram localizadas, curiosos de láguas de distancia. A aldeia desenvolvia-se, povoava-se e mais tarde formavam as villas e cidades de nossas costas e sertões brasileiros. Pelos tempos adiantes, bandos de monges capuchos e de S. Francisco tomaram aos hombros a tarefa da doutrinação dos campos. Eram estes em maioria estrangeiros, italianos tonsurados, delegados pelas comunidades para ensinarem a religião aos povos. [...] A vida errante destes regulares leigos que arrastavam atraz de si bandos de família, incutiu no organismo dos sertanejos a predilecção que tem pelas viagens, pelas aventuras e pelo maravilhoso.! (BENÍCIO, 1997, p.62, 63).

Foi, todavia, através do espírito dessas missões que certas ordens religiosas, devido a carência de missionários e clérigos, tiveram que formar dentre os catecúmenos algumas ordens de irmãos leigos com limitados poderes eclesiásticos; muitos a título de esmolarem para a construção de obras pias. Indo, alguns, além desses limites impostos pela igreja, pois muitos, além de evangelizarem aproveitavam as aptidões das comunidades para os ofícios e artes manuais, aplicando a caridade para o levantamento de povoados, templos, dentre outros.

É, contudo, dentro dessa sistemática, aprendida com a prática dos missionários católicos, que, na segunda metade do século XIX, Antônio Vicente Mendes Maciel deixou as terras do Ceará e empreendeu sua obra caritativa e missioneira.

Nos seus decênios de errâncias pelos sertões são invariáveis as notícias sobre as obras do Conselheiro, que convocava as pessoas e as liderava na missão que se impusera de construir ou consertar igrejas, cemitérios, acudes. Afora o exemplo do padre Ibiapina, era usual, embora pouco lembrado, que as incursões das Santas Missões se devotassem não apenas ao reavivamento espiritual e a ministrar sacramentos, mas também a obras pias, congregando a população para edificar ou reparar igrejas, cemitérios, acudes e tanques, estradas e calçadas. Esse lado prático era mais um motivo pelo qual. Embora considerassem o Conselheiro perigoso, o acolhiam com favor nas várias localidades por onde passava. Em suma havia padres que o toleravam por causa da vantagens que a Igreja auferia, e o poder civil apreciava-o enquanto capataz de uma legião de mão-de-obra gratuita. (GALVÃO, 2001, p.35,36).

As terras do Itapicuru, onde estavam situada as fazendas que mais tarde dariam origem ao arraial do Bom Jesus, foram a porta de entrada do beato na Bahia. Nessa região, que foi central na conjuntura de Canudos, ele encontrou o fermento principal para aquilo que tanto almejava: o trabalho baseado no auxílio mútuo.

Por ser essa uma área que oferecia um certo dinamismo social no final do oitocentos, é a que melhor propiciará os recursos e ferramentas para a realização de uma de suas melhores obras: o templo do Bom Jesus

Homenageou o filho de Deus fundando o arraial do Bom Jesus, nas proximidades de Itapicuru. Todos trabalhavam sob o seu comando, em ritmo lento, mas constante, despreocupados com o tempo, erguendo casas de taipas em mutirão, pensando em ser aquela a terra prometida. Dedicaram atenção especial à construção da igreja, o pessoal mais habilitado envolvido na obra, núcleo do arraial, parte mais importante de qualquer comunidade cristã. E enquanto uns trabalhavam, outros saíam pelos arredores, visitando fazendas, pedindo esmolas, retornando ao arraial do Bom Jesus abarrotados de cereais, gado bovino e caprino, frangos e porcos em quantidade, alimentação indispensável para os obreiros de Deus (CANÁRIO, 2005, p.167).

Dantas (2007 p.24) assevera que essa região, cujo povoamento remete ao século XVII, apresentava naquele momento grande diversidade social e econômica. Ao lado de aldeias franciscanas e jesuítas conviviam engenhos, casa de farinha e várias roças de subsistência, sendo que o trabalho nas variadas propriedades, posses e ofícios especializados eram realizados até meados do século XIX, por livres, libertos e escravos.

Posteriormente, a presença do Conselheiro e seu séquito, que a essa altura aumentava cada vez mais, provocou, na sociedade local, variadas contendas. Uma dessas explicações, dentre outras, foi devido ao hábito que seu grupo tinha de praticar os rituais cristãos frequentemente: o terço no fim da noite, o ofício na madrugada, etc.

Calasans (1997, p.35) nos diz que a cantoria dos rezadores desagradou a população da vila. Surgiram reclamações que foram apresentadas ao delegado quando este voltou de sua propriedade, num sábado, onde se encontrava no dia da chegada do grupo conselheirista. Tal delegado, cujo nome era Boaventura Caldas, no intuito de fazer valer a sua autoridade não obteve êxitos frente ao Conselheiro. As orações prosseguiram fazendo crescer o número de participantes, sobretudo, depois que o vigário da freguesia, Agripino da Silva Borges criticou do púlpito a atitude do delegado querendo silenciar os rezadores.

Para o autor, o sacerdote tinha outros interesses, pois no agrupamento do futuro Bom Jesus existiam pedreiros, carpinteiros e mestres de obra, cujos trabalhos o vigário queria aproveitar para a sua igreja, o que certamente teria alcançado, pois um bom relacionamento entre o vigário e o beato se conservaria por muito tempo.

Tamanho era o descontentamento das autoridades locais, devido aos agravos políticos e parcerias firmadas pelo beato. Em em 1886, o delegado do Itapicuru, Luiz

Gonza de Macedo (apud BENÍCIO, 1997, p. 55) embora reconhecesse, como se pode evidenciar no ofício abaixo, a utilidade dos serviços prestados pelo peregrino ao povo, não se deixou calar. Incitado pelos comunicados negativos do clero da capital, fez coro contra o sóbrio Antônio Vicente Mendes Maciel.

– *Delegacia da Vila do Itapicuriú, 10 de Novembro de 1886.*

– Illm. Sr. – É de meu dever levar ao conhecimento de V. S., que, no arraial do Bom Jesus existe uma sucia de fanatisados e malvados, que põem em perigo a tranquilidade publica. Ha 12 annos pouco mais ou menos, com pequenas interrupções, fez sua residencia neste termo, Antonio Vicente Mendes Maciel, vulgo *Antonio Conselheiro*, que por suas predicas, tem abusado da credulidade dos ignorantes, arrastando-os no fanatismo.

Havendo suspeitas de que elle fosse criminoso no Ceará, provincia do seu nascimento, foi no anno de 1876, preso por ordem do Dr. chefe de policia, daquella época, e para alli remetido.

Regressando pouco depois fez neste termo seu acampamento e presentemente está no referido arraial construindo uma capella a expensas do povo.

Comquanto essa obra seja de algum melhoramento, aliás dispensavel para o lugar, todavia os excessos e sacrificios não compensão este bem, e, pelo modo por que estão os animos, é mais que justo e fundado o recceio de grandes desgraças.

Para que V. S. saiba quem é Antonio Conselheiro basta dizer que é acompanhado por centena e centenas de pessoas, que ouvem-no e cumprem suas ordens de preferencia às do vigario desta parochia.

O fanatismo não tem mais limites e assim é que, sem medo de erro e firmado em factos posso affirmar que adoram-no como se fossem um Deus vivo.

Nos dias de sermões e terço, o ajuntamento sóbe a mil pessoas. Na construcção desta capella, cuja feria semanal é de quasi cem mil réis, decuplo do que devia ser pago, estão empregando cearenses, aos quais Antonio Conselheiro presta a mais céga proteção, tolerando e dissimulando aos attentados que commettem, e esse dinheiro sahe dos credulos e ignorantes, que, além de não trabalharem, vendem o pouco que possuem e até furtam para que não haja a menor falta, sem falar nas quantias arrecadadas que têm sido remetidas para outras obras do Chorrochó, termo do Capim-Grosso.

É incalculavel o prejuizo a que esta terra tem causado Antonio Conselheiro. Entre os operarios figura o cearense Feitosa como chefe, que com os demais fanatisados fizeram no referido arraial uma praça de armas, intimando a cidadãos – como o negro Miguel de Aguiar Mattos, para mudarem-se do lugar com sua familia em 24 horas, sob pena de morte.

Havendo desintelligencia entre o grupo de Antonio Conselheiro e o vigario de Inhambupe, está aquelle municiado como se tivesse de ferir uma batalha campal, e consta que estão à espera que o vigario vá ao lugar denominado Junco, para assassiná-lo. Faz mêdo aos transeuntes passar por alto, vendo aquelles malvados munidos de cacetes, facas, facões, clavinotes; e ai daquelle que fôr suspeito de ser infenso a Antonio Conselheiro.

Nenhum dos vigarios das freguezias limitrophes tem consentido nos lugares de sua jurisdição esta horda de fanaticos, só o daqui tem tolerado e agora é tardio o arrependimento, porque sua palavra não será ouvida.

Ha pouco mandado chamal-o para pôr termo a esse estado de cousas, a resposta que mandou-lhe Antonio Conselheiro, foi: que não tinha negocios com elle, e não veio.

Consta que os vigarios das freguezias têm lido a pastoral do Exm. Sr. Arcebispo prohibindo os sermões e mais actos religiosos de Antonio Conselheiro, e exhortando o povo para o verdadeiro caminho da religião: nesta ainda não foi lida, sem duvida pelo receio que tem o vigario de se revoltarem contra elle os fanatisados.

O cidadão Miguel de Aguiar Mattos, como outros, tem vindo pedir providencias, as quaes tenho deixado de dar por não contar com força sufficiente para emprehender essa diligencia, que se fôr malograda, peiores ainda os resultados.

Cumpre dizer que Antonio Conselheiro que veste uma camisola de panno azul, com barbas e cabellos longos, é malcreado, caprichoso e soberbo.

Não convido esta ameaça constante ao bem publico, e antes cumprindo prevenir attentados e desgraças, solicito V. S. um destacamento de linha para dispesar o grupo de fanaticos.

Renovo a V. S. os meus protestos da mais subida estima e consideração e respeito. Deus guarde a V. S. – Illm. S. Dr. Domingos Rodrigues Guimarães, M. D. chefe de policia desta provincia, Luis Gonzaga de Macedo. (Conforme)
Joaquim José de Farias.

No documento apreciado acima, fica claro o envolvimento e dedicação do povo no concernente à edificação de templos. O ofício trata, também, das queixas do seu autor, Luiz Gonzaga de Macedo, pois ao seu ver, grande parte do séquito conselheirista, inclusive o sujeito de nome Feitosa era cearense conterrâneo do peregrino e, portanto, recebia favorecimentos do beato.

Esse Manuel Feitosa, que fora denunciado pelas violências cometidas, era, segundo Clasans (1997), um dos mestres de obra do Conselheiro. Nesse intervalo, estava dirigindo a construção da Igreja do Bom Jesus. Esse mesmo mestre, em anos anteriores, esteve trabalhando em outra edificação religiosa empreendida pelo Antônio Vicente Mendes Maciel: a Igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó.

Dentre os vários profissionais que se destacaram nas artes manuais, figuram dois na lista dos trabalhadores conselheiristas: o já citado Manuel Feitosa, e o mestre e entalhador Manuel Faustino. Este último acompanhou o Conselheiro em sua partida para Canudos, findando seus dias lá.

Faustino, além de trabalhar nos templos do Belo Monte, foi o responsável pelo desenho e pelo trabalho em talha da igreja de Crisópolis.

Benício (1997, p. 168) diz em sua obra *o Reio do Jagunços* que, pouco depois de instalar-se em Canudos para onde começaram a convergir famílias de todos os sertões, Antônio Conselheiro deu início à Igreja Nova sob a direção do mestre de obras por nome Faustino.

Sobre este artífice argumenta o jornalista Fávila Nunes. Disse que ele morreu de tiro, o mesmo ocorrendo com uma de suas filhas. A outra caiu prisioneira das tropas republicanas e teria seguido para Salvador. Ainda de acordo com o que escreveu esse correspondente enviado ao campo de batalha, para cobrir a Guerra de Canudos, as meninas criavam um porco-do-mato, que foi adquirido das mãos de um soldado por um alto preço. (apud GALVÃO, 1994, p.221).

Em entrevista concedida a Nertan Macedo, em época posterior, Honório Vilanova comerciante no Belo Monte, falou no nome do mestre Faustino.

Fez umas rosas douradas no altar da igreja, que era a dmiração do povo. Um velho de sessenta anos que sempre arranjava uma maneira de tomar uma “bicada” descumprindo

a lei do agrupamento. Foi proibido de beber. Ficou triste e magro. Depois se consolou no trabalho. (apud MACEDO, 1983, p.68).

O grande artista daquele grupo messiânico. Bem poderíamos avançar: o Miguel Ângelo do Conselheiro.[...] Realizara, anteriormente uma boa obra no arraial do Bom Jesus (Crisópolis), trabalhando na construção da capela local, levantada pelo Conselheiro. A bela igreja, concluída em 1892, que chegou aos nossos dias, conserva nas portas e no altar-mor, as talhas do mestre Manuel Faustino. [...] Chamar-se-is Manuel Faustino de Oliveira[...] Compadre de Antônio Vicente Mendes Maciel, padrinho de Paulina, batizada a 9 de dezembro de 1891, pelo vigário Agripino Borges, da freguesia do Itapicuru. É o que consta no livro de registros de batizados da referida freguesia, guardado no arquivo da Arquidiocese de São Salvador, na Bahia (CALASANS, 2000, p.26)

Infelizmente quase ou nenhum documento que trata do grupo de artífices que acompanhava o beato Antônio Conselheiro se preservou. O pouco das notícias que chegou até nossos dias foi veiculado através das informações colhidas por pesquisadores do porte José Calasan, Nertan Macedo, Ataliba Nogueira etc., que a partir da década de 50 do século vinte, envidaram meios para registrar e reescrever a história dessas gentes.

É, contudo, com base na história oral que analisamos as poucas informações existentes sobre esses sujeitos, pois para a nação do oitocentos, pouca importância tinha o que se passava nos sertões, considerados, sempre, como o lado obscuro e atrasado do Brasil.

Devido ao regime de trabalho precário e às necessidades urgentes, bem como o nomadismo constante, muitas dessas obras foram realizadas, às vezes, em intervalos de tempo muito curtos e contrariando o mando das autoridades. Com isso, a aprendizagem no agrupamento era prejudicada, fazendo com que os artífices e outros profissionais não empregassem um sistema mais elaborado como: riscos, croquis, maquetes, etc., dificultando os estudos sobre o tema.

Também não figuram em tipos de documentos como: testamentos, livros de tombo e inventários, pois muitas dessas construções e serviços prestados, se no início agradavam a muitos e movimentavam, sobremaneira, o comércio local, em outros momentos, foram seriamente recriminados, fazendo com que se operasse uma espécie de sistema trabalhista pautado na clandestinidade.

Convém explicitar que depois da destruição do Belo Monte, muitas autoridades das vilas e cidades nas quais existiam obras da lavra do Conselheiro, fizeram questão de demolir e apagar tudo que estivesse ligado a ele, pois para a nação republicana isso seria uma mácula inigualável, acarretando, ainda mais, danos irreparáveis para a pesquisa.

Segundo relata Menezes (1986), a história dos oprimidos [...] não possui outros registros senão a memória oral de sua gente, as páginas policiais dos nossos jornais e os arquivos criminais de nossa justiça.

Todavia, a obra aqui retratada, a Igreja do Bom Jesus de Crisópolis, ainda que com ligeiras modificações em sua estrutura externa, bem como o seu santo cruzeiro, permanecem como nos primórdios de sua edificação. No século XX, conta a população local, um pároco quis transformar o templo, o qual não contou com o apoio dos seus paroquianos, desistindo do desejo obscuro.

De acordo com Calasans (1997, p. 66), o templo que Euclides da Cunha chamou de “lindo e elegante”, trata-se na verdade, de uma das igrejas mais conhecidas do beato. Templo que a imaginação sertaneja considera como o mais belo dos sertões da Bahia.

Não se sabe ao certo quando foram iniciadas as obras da igreja do Bom Jesus. Constata-se, a partir do ofício mencionado anteriormente, que em 1886, o delegado do Itapicuru denunciou a obra, considerando-a dispendiosa e desnecessária. Certamente, ela só ficou pronta em 1892, pois este é o ano que aparece gravado em seu frontispício (Imagem 44). Deduzimos que seja também a data da consagração, a qual, conforme atestam as vozes locais, ocorreu com grandes festas, música e foguetório, à moda do séquito do beato.



Imagem 44: Cartela datada da fachada da Igreja do Bom Jesus.
Autoria: Manuel Faustino, século XIX.
Fonte: Jadd Pimentel, 2009.

3.3 A IGREJA DO BOM JESUS E O SEU PARTIDO ORNAMENTAL

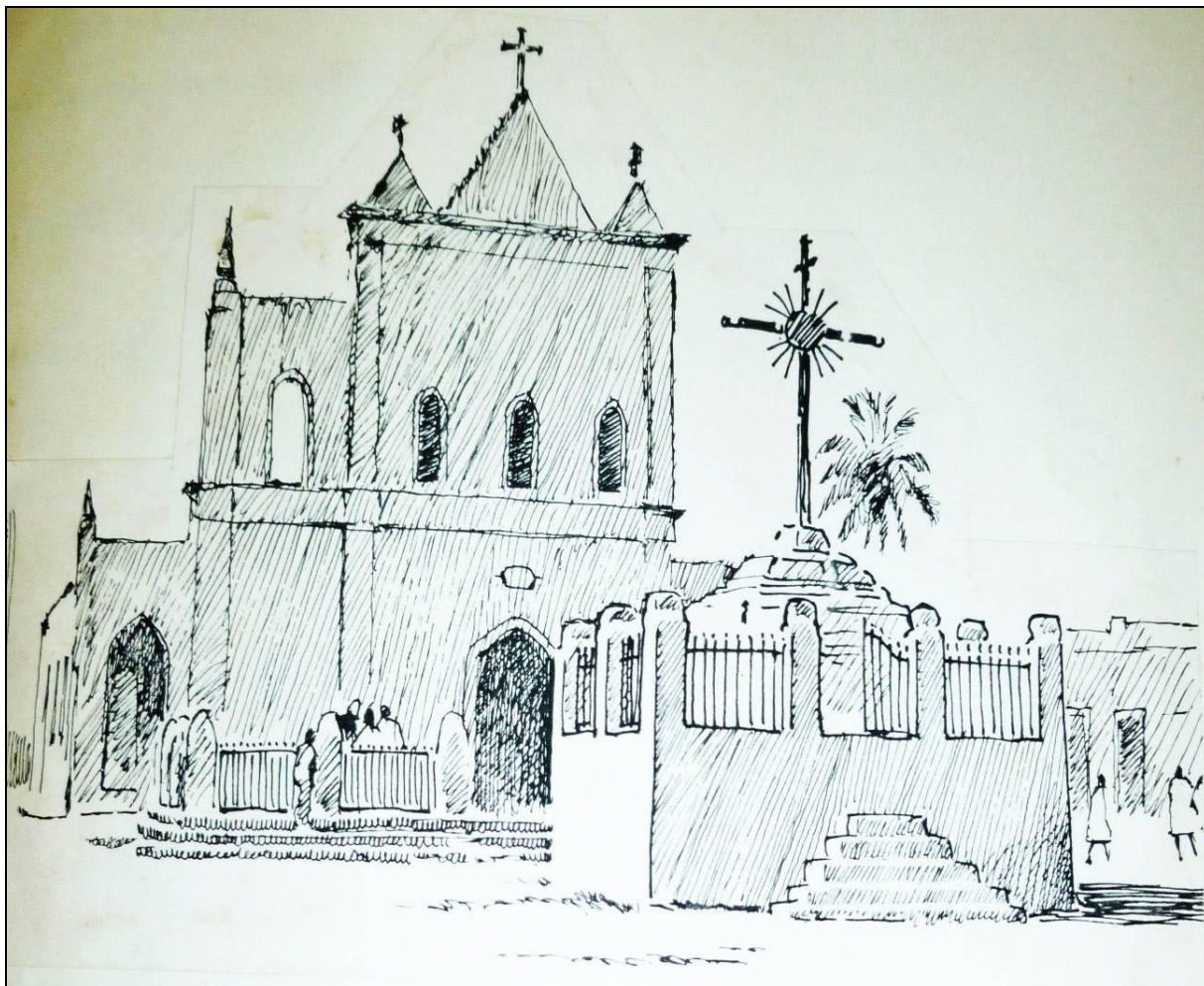


Imagem 45: Desenho do templo do Bom Jesus de Crisópolis.
Fonte: IPAC, 1987.



Imagem 46: Templo do Bom Jesus de Crisópolis.
 Autoria: Manuel Faustino, século XIX.
 Fonte: Jadd Pimentel, 2009.



Imagem 47: Templo do Bom Jesus de Crisópolis.
 Autoria: Manuel Faustino, século XIX.
 Fonte: IPAC, 1897.



Imagem 48: Conjunto arquitetônico do Bom Jesus de Crisópolis.– Igreja e cruzeiro.
Autoria: Manuel Faustino e Antônio Conselheiro, século XIX.
Fonte: Jadd Pimentel, 2009.

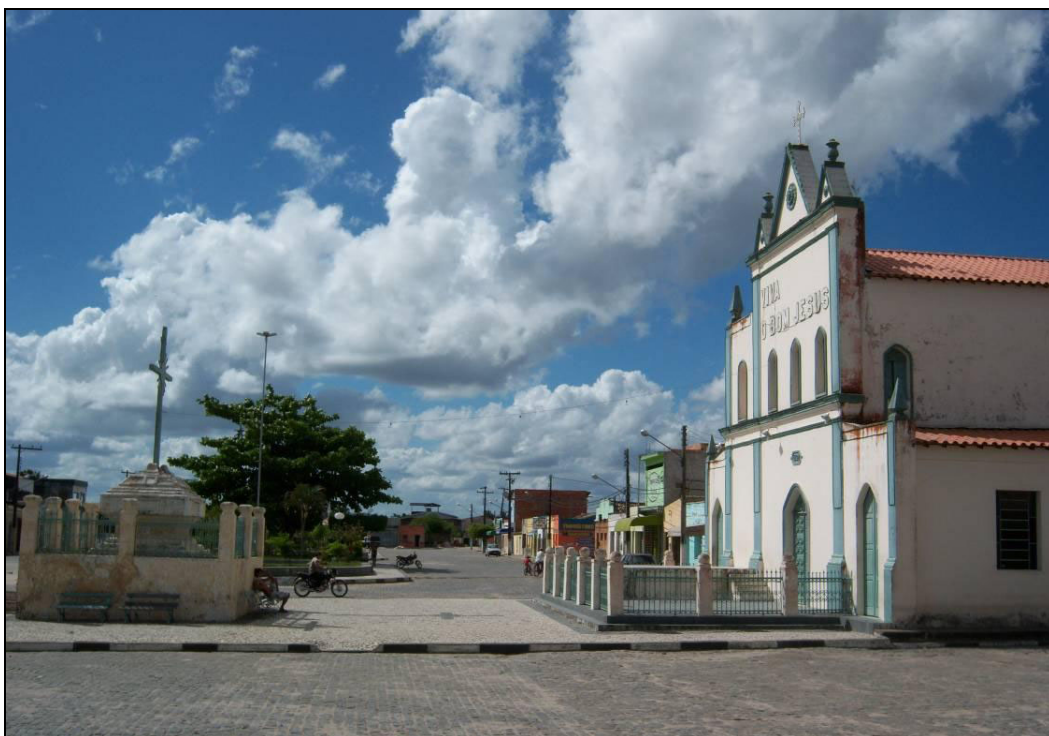


Imagem 49: Conjunto do Bom Jesus de Crisópolis – Praça Antônio Conselheiro.
Autoria: Manuel Faustino e Antônio Conselheiro, século XIX.
Fonte: Jadd Pimentel.



Imagem 50: Coroamento do frontispício da Igreja do Bom Jesus de Crisópolis.
Autoria: Manuel Faustino e Antônio Conselheiro, século XIX.
Fonte: Jadd Pimentel, 2009.



Imagem 51: Detalhe do coroamento do frontispício da Igreja do Bom Jesus de Crisópolis.
Autoria: Manuel Faustino e Antônio Conselheiro, século XIX.
Fonte: Jadd Pimentel, 2009.

Dos templos concebidos e dirigidos pelo beato Antônio Vicente Mende Maciel que se propagaram até os nossos dias, sejam através de algumas fotografias existentes, ou através da materialidade dos mesmos, somente três deles comunicam por completo os estilos que ele propagados.

Os demais edifícios embora apresentem traços das linduagens conselheiristas, foram sensivelmente alterados, destruídos, ou levemente reformados quando da passagem do beato pelas vilas e povoados. Os restantes figuram como obras apenas atribuídas ao missionário; histórias versadas na oralidade, sem contudo haver comprovação.

Nesse sentido, foram os exemplares encontrados nas cidades de Chorrochó (Igreja do Senhor do Bonfim), Belo Monte – destruída, (Igreja do Santo Antônio) e Crisópolis (Igreja do Bom Jesus) os que disseminaram as tipologias artísticas e arquitetônicas idealizadas pelo beato, tornando-se, posteriormente, recorrentes em outras localidades.

Sendo assim, esses três núcleos, que se tornaram os polos artísticos das hostes conselheiristas, irradiaram tendências estilísticas por outras cidades, vilas e arraiais.

Na verdade, esse processo ocorreu devido a vários fatores: o tempo mais demorado dessas edificações em relação às muitas outras executadas pelo grupo, a expectativa de fundação da “cidade prometida”, culminando com Belo Monte, dentre outras, os quais fizeram com que os artífices e artistas de diferentes procedências do sertão fundassem popularmente uma suposta “escola de arte e arquitetura conselheiristas”.

Nesses três exemplares podemos constatar os princípios básicos que compuseram o modo de construir do beato: igrejas de pequeno porte, quase do tamanho de capelas, exceto a Igreja do Bom Jesus do Belo Monte, a ausência de torres sineiras – o sino geralmente é colocado num prolongamento da parede no lado direito da fachada, num vão de abertura que imita o vão das janelas, exceto a do Bom Jesus do Belo Monte, marcação de datas no frontispício, utilização de monogramas e letras, uso frequente de pináculos, etc.. (Imagens: 45 a 47).

Todavia o ponto alto dessas características é a utilização do cruzeiro, que é fonteirço à edificação, e apresenta um tratamento especial. Geralmente é assentado numa distância de 10 à 15 metros da fachada, numa área ampla que forma a praça. (Imagens 48 e 49).

Com relação ao frontispício e ao seu coroamento, percebe-se que eles se diferenciam. E, embora existam semelhanças entre o do Senhor do Bomfim de Chorrochó e o de Santo Antônio do Belo Monte, os do Bom Jesus de Crisópolis, tanto fachada quanto coroamento, não foram tão usuais na gramática dos artífices e mestres que trabalharam sob a regência do Antônio Conselheiro. (Imagens: 50 e 51).

No geral, essas obras não se enquadram profundamente num tipo de estilo. São antes, fruto da miscigenação da grei conselheirista, onde negros, índios, brancos e suas variações étnicas, partilhavam o mesmo ideal: a edificação da casa do senhor. Nesse ínterim, é evidente que a hibridização far-se-ia presente.

Por seu turno, embora recaiam nesses conjuntos edificados, influências do gótico, do barroco e do rocóco, que se misturaram aos aspectos da arte popular, na igreja do Bom Jesus é o neoclássico, o estilo que mais repercutirá.

Cabe enfatizar que muitos dos artífices, que nesse templo trabalharam, trouxeram em seu repertório a linguagem desse último estilo, pois certamente como atestam alguns teóricos, esses indivíduos tiveram contato com o neoclássico, o qual se fazia presente na capital da Bahia, no século XIX, irradiando-se por outras cidades, inclusive as do interior.

O neoclacissismo na Bahia não se manifestou na decoração como sendo uma reforma ou uma reação. Ele aparece pouco a pouco, saindo do rocóco, ao qual a princípio se misturou. O espírito novo se misturou primeiro na estrutura, antes de atingir o ornamento que durante bastante tempo permaneceu fiel ao rendado rocóco. O décor neoclássico é tão importante na Bahia, tão numerosos são os altares desse estilo da “Roma negra”, que terminam por deixar no visitante surpreso a lembrança paradoxal de uma cidade onde o neoclassicismo dominava a decoração! E a moda dese décor espalhou-se rapidamente na cidade e na província. (Bazin, 1983, p.307).

Embora não saibamos se alguns desses artesãos peregrinaram até a cidade do Salvador, assimilando, com isso, a sua gramática estilística, o certo é que o repertório do neoclássico adentrou os sertões.

Certamente, as influências desse estilo, dado as proximidades com o estado do Sergipe, incursionaram pelas terras do norte da Bahia via Itabaiana, alcançando, com sua gramática, cidades como Inhambupe, Itapicuru e, posteriormente, a Vila do Bom Jesus.

Bazin (1983, p. 310) assevera que existiram nas terras da Bahia inúmeras escolas de entalhadores neoclássicos, capazes de produzir formas novas e elegantes, ao ponto de se criar um estilo autóctone. Segundo ele, a Bahia juntamente com o Rio de Janeiro, foi a

única região do Brasil que assimilou com uma força viva esse estilo neoclássico que em todos os lugares provocou a morte do rococó, sem substituí-lo por um valor equivalente.

O autor prossegue afirmando que foi tão próspera essa escola de talha neoclássica na Bahia que ela se ramificou pela região vizinha de Sergipe, espécie de dependência provincial desse Estado.

Para ele, os artesãos de Sergipe traduziram grosseiramente as formas elaboradas na Bahia, pois evidenciam-se aí, altares neoclássicos, aliás tardios e de concepção tão deplorável quanto a execução, fato que se explica pela pobreza dessa região nos séculos anteriores.

Enumera ainda essas cidades do Sergipe as quais considera apresentar produções grosseiras: São Critóvão: Santa Casa da Misericórdia, Nossa Senhora do Amparo e Rosário dos Pretos; matriz de Itabaiana, matriz dos Passos em Marvim, capela da Conceição, em Riachuelo, dentre outras.

Nesse sentido, constata-se que o autor, utilizando-se de uma linguagem um tanto quanto depreciativa, uma vez que utiliza palavras como: grosseiramente e deplorável, faz um julgamento precipitado e pouco fundado acerca dessas obras sergipanas. Com isso, somos levados a crer que o mesmo conhecia superficialmente as realidades dos sertões do Sergipe e da Bahia, bem como suas expressões artísticas.

Na segunda metade do século XIX, os jornais de sergipanos e baianos anunciam o aparecimento de um peregrino que vivia transitando pelo sertão. Certamente já arrebanhando sua gente, para cumprir a promessa que teria feito: a de erguer vinte e cinco igrejas. Estivera em várias cidades sergipanas, inclusive Itabaiana, como nos informa o poeta popular.

Na cidade Itabaiana
Vivia de mendigar
Excesso não aceitava
Além de se alimentar
Queria dormir no chão
Ou em tábuas sem forrar

Depois de um largo tempo
Retorna para a Bahia
Crescia, pois, seu prestígio
Multidão já lhe seguia
Não fez aliciamento
Só queriam sofrimento
Isso os purificaria
(FRANÇA E RINARÉ, 2004, p.15)

Sobre a presença do missionário, nas terras do Sergipe, também argumentou Macedo (1983, p. 117). Segundo esse autor, Antônio é visto orando e esmolando nos sertões de Pernambuco, Sergipe e Bahia. Em 1874 dão presença em Itabaiana, em 1876 em Itapicuru de Cima onde fala ao povo do púlpito das igrejas, com a devida autorização dos vigários. O autor diz ainda que ele ergue capelas, constroi e reconstroi cemitérios, fazendas e povoados.

Cunha (2002), também informa-nos sobre a estada do profeta Conselheiro em Sergipe. Assegura que dos sertões de Pernambuco passou aos de Sergipe, aparecendo na cidade de Itabaiana que está localizada no centro desse Estado e é considerada o empório do povo sergipano, abastecendo, inclusive, cidades que estavam localizadas na fronteira da Bahia: Itapicuru, Inhambupe, Esplanada, etc.

É bem provável, que na década de 70 do século XIX, o beato que por ali peregrinava e esmolava tenha se impressionado com a obra da matriz de Itabaiana, cujo padroeiro era o mesmo de sua cidade natal, e seu preferido santo de devoção (Imagem 52). Para esse orago dedicaria anos depois, um de seus templos mais visitados: A igreja de Santo Antônio do Belo Monte.

Dessa cidade levaria uma certa influência do neoclássico que se faria presente, de forma modificada, na ornamentação do interior da igreja do Bom Jesus, e ainda aproveitaria a fachada para influenciar levemente o partido da Igreja Nova do Belo Monte (Imagem 43).



Imagem 52: Frontispício da Igreja de Sto. Antônio de Itabaiana-SE. Século XVII.

Fonte: Jadd Pimentel, 2009.



Imagem 53: Retábulo-mor da Igreja de Santo Antônio de Itabaiana.
Século XIX.

Fonte: Jadd Pimentel, 2009.

A Igreja matriz de Inhambupe com sua tendência estilística irá, igualmente, repercutir no templo de Crisópolis.

Covém explicitar que, nessa freguesia, transitavam muitos artífices que afluíam dos vários pontos do Sergipe e da Bahia, sendo uma das áreas mais expressivas dentro do contexto do “Sertão do Conselheiro”. Nessa cidade, ocorreria entre o profeta e o vigário local sérios desentendimentos, mas, por outro lado, ela lhe ofereceria inúmeros artífices.

Anos antes o beato convivia pacificamente com o pároco desta localidade movimentando e revigorando os ânimos religiosos dos habitantes. Otten (1990, p.157, 159) é categórico em afirmar que uns não se opuseram, até pediam a sua vinda à freguesia para construções e missões. Segundo o autor, em Inhambupe, Pe. Ramos preparou para ele uma acolhida calorosa, com insenso e repique de sinos. Noutro momento, porém, o protagonista é o Pe. Júlio Fiorentini, que demonstra um caráter extremado, pois, por onde passa, provoca situações repletas de conflitos e tensão, promovendo a causa de combater com firmeza o Conselheiro.

José Calasans em sua obra intitulada *O estado-maior de Antônio Conselheiro*, a partir de pesquisas e entrevistas que realizou com alguns sobreviventes e descendentes do séquito do peregrino Antônio Vicente, torna claro:

Marcos Dantas lembrou outros artífices. Ricardo caboclo, pedreiro, grandalhão, ficou morando no arraial depois da partida do Conselheiro. Um mestre carapina, preto, natural de Inhambupe, ajudou na obra do belo cruzeiro da praça de Crisópolis. O ancião informante, porém, não lembra do nome do habilidoso carapina. Era a segunda pessoa, o contramestre das obras. Havia um outro pedreiro, chamado Vitório. (CALASANS, 2000, p.27).



Imagem 54: Igreja do Divino Espírito Santo de Inhambupe – BA.
Século XIX.
Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

Embora, no geral, a igreja de Inhambupe não adote estritamente o partido neoclássico, devido as influências do revivalismo gótico da fachada, as quais também se verificarão na obra do Bom Jesus, o mesmo não acontecerá com a sua linguagem

ornamental do interior. Nela, é notório o repertório classicizante do final do oitocentos que se irradiou a partir da cidade do Salvador (Imagens 54 e 55).

É muito provável, que as primeiras reformas na ornamentação dos templos dessa região tenham acontecido em Inhambupe e em Itapicuru devido a mescla de artífices aí presentes, e a posição geográfica; tão próximas das influências de Sergipe e Salvador. Em Crisópolis não houve reforma ornamental, pois como já se sabe, devido a sua data de construção, ela já nasceu com o vocabulário de influência neoclacissizante.

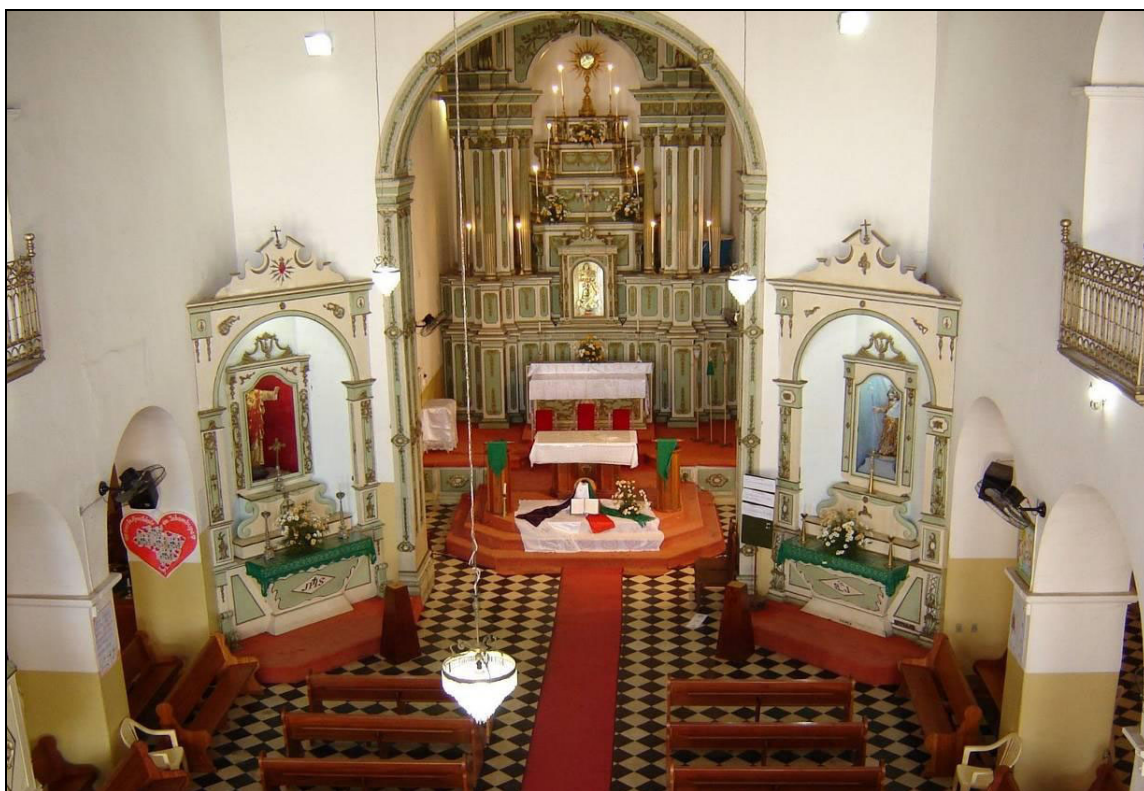


Imagem 55: Altares mor e colaterais da Igreja do Divino Espírito Santo de Inhambupe – BA.
Século XIX.

Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

Cabe ressaltar que mesmo havendo um diálogo no partido decorativo das duas edificações, tais influências, igualmente, não chegm a ser estritas, sobretudo na tipologia da talha do altar-mor, pois enquanto na Igreja do Divino Espírito Santo de Inhambupe predomina o tipo baldaquino com frontão, na Igreja do Bom Jesus predomina o baldaquino arrematado por cúpula.

Ainda que existam diferenças, isso não impede de listarmos inúmeras semelhanças entre as duas matrizes.

Vê-se claramente no frontispício do templo do Bom Jesus a tentativa, ainda que tímida, da utilização do arco ogival. Se em Inhambupe ele é muito mais definido e alongado para o infinito, em Crisópolis ele fica num meio termo: num transitar entre o arco romano e o arco gótico. Chega-se, todavia, a utilizar um vão de arco pleno, demonstrando mais afeição ao neoclássico. Outros elementos presentes nos dois frontispícios são: utilização de torres triangulares, pináculos, etc.

Mesmo apresentando um caráter híbrido em sua frontaria, dadas as fusões estilísticas, as reverberações neoclássicas ainda se impõem. Nela detecta-se a presença de vasos coroando as torres, a utilização do arco pleno, das linhas retas, e dos florões com finalidade decorativa. No grande florão que ornamenta a torre central, constata-se discretamente as letras iniciais do nome Bom Jesus, prática muito recorrente nas fachadas ergidas pelo beato.

Entretanto, o que mais impressiona na fachada é a qualidade do trabalho em talha da porta e das janelas superiores. Comprova-se, nessa composição, um prolongamento da decoração interior e uma das marcas do mestre Faustino (Imagem 56).

Cabe ressaltar que esse trabalho apresenta uma força expressiva considerável no conjunto da obra. É um exemplar único no que concerne às obras conselheiristas. Sua originalidade ultrapassa mesmo as fronteiras do “Sertão do Conselheiro”.

Uma possibilidade de comparação com a destacada produção talvez encontremos nas portas de alguns templos orientais. E essa possibilidade de influência, ainda que remota, não poderá ser descartada, mesmo que seja, essa, uma produção do final do século XIX, no contexto sertanejo.

É sabido que desde os primeiros tempos da colonização, adentraram nessas terras cristãos novos, mouros, etc. Sabe-se, também, que esses indivíduos fugindo da inquisição, incursionaram pelo interior, possibilitando, no decorrer dos tempos, uma mescla de culturas.

Graham (2002, p.76), ao falar dos hábitos e costumes do homem sertanejo, nos informa que as suas casas tinham algo de oriental em sua configuração e em seu ar. As portas feitas como as de Portugal e Espanha eram executadas num molde que os mouros deixaram na península. Prossegue ainda dizendo que para completar o ar oriental as casas antigas eram divididas como em Portugal e Espanha e que as famílias chegavam a se alimentar como os mouros do norte da África.

Segundo Azevedo (1996, p. 20), na arquitetura civil a influência oriental das Índias se fez presente nos avarandados que envolviam casas rurais, nos forros com treliça para a saída do ar quente, nas esteiras que protegiam janelas e balcões, nos caixilhos com mica em elementos decorativos e imagens dos oratórios. Para ele esta influência não se restringiu à casa popular e burguesa, esteve presente também em edifícios nobres.

Verificando detalhadamente essa porta, bem como as janelas, costatamos imediatamente que as palavras proferidas por Honório Vilanova a Nertan Macedo se confirmam. As flores que ainda se fazem presentes ali, foram cuidadosamente trabalhadas, formando em cada lado quatro placas retangulares em relevo, proporcionalmente distribuídas. (Imagens: 57 e 58).

Por sua vez, em cada retângulo há uma nova subdivisão em outros quatro retângulos, tendo em cada um, uma flor esculpida de forma delicada. Cada retângulo apresenta, ainda, uma composição com linhas que, passando pelo eixo, onde estão situados os pistilos, formam losangos.

Verifica-se que o numeral quatro rege toda composição: quatro retângulos maiores, quatro retângulos menores, quatro losangos, quatro triângulos, quatro flores e quatro folhas. Numa perscruta mais atenta em relação às flores, percebemos que essas ainda se subdividem. Em cada uma delas confirmamos quatro pétalas, sendo duas maiores e duas menores, e quatro pequenas folhas onde se assentam as pétalas.

Notamos que há na composição de cada grande retângulo um forte equilíbrio. A única quebra se dá pela alternância dos pistilos das flores. Neles, constata-se três composições variadas: dois pistilos semelhantes que assumem uma forma de pequena flor de quatro pétalas e dois que se diferenciam formando losangos com semi-esferas em alto e baixo-relevo.

Na parte triangular, que lembra um tímpano, presenciam-se duas composições simétricas que se formam através de motivos fitomórficos: duas flores estilizadas, com duas pétalas e folhagens formando hastes e volutas.

Apresentando frisos pintados em azul, certamente preservando de épocas anteriores a utilização do anil, a porta contrasta com o branco do edifício, provocando no observador uma admiração, dado à simplicidade e ao virtuosismo que dela emanam.